

REVISTA ADVENTISTA

ÓRGÃO OFICIAL DA IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA

— A Fidedignidade do Relato
da Criação

Pág. 3

OS ADVENTISTAS DO SÉTIMO DIA

Por W. R. BEACH

E OS CONSELHOS NACIONAL E MUNDIAL DAS IGREJAS

No artigo do mês de Setembro salientámos a necessidade de cooperação no mundo actual, e até onde se estende essa cooperação por parte dos Adventistas do Sétimo Dia. Creio que convém expor outra vez, sucintamente, alguns dos motivos que justificam o facto de permanecermos separados dos Conselhos Nacional e Mundial das Igrejas. E diga-se de passagem que isso não autoriza a conclusão de que os Adventistas do Sétimo Dia estejam a julgar esses conselhos e os seus dirigentes. Sabemos que tais organizações possuem homens magnânimos que agem de acordo com a melhor compreensão que eles têm para fazer o que pensam ser a obra de Deus. O Senhor não nos colocou no mundo para julgar ou condenar os outros. Confiou-nos uma tarefa especial, que procuramos executar para Ele. Cremos que essa tarefa pode ser realizada com maior eficácia se a nossa organização se mantiver separada dos Conselhos Nacional e Mundial das Igrejas e de algumas outras organizações no mundo religioso. Esta posição fundamental não tem sofrido alteração.

Desejo apresentar novamente as razões por que permanecemos separados e limitamos a nossa participação a conscienciosa cooperação em sectores de actividade que podem ser úteis à igreja remanescente e a todos os demais participantes.

A lógica da nossa crença requer que procuremos persuadir os homens a aceitar as doutrinas que pregamos e a unir-se à igreja remanescente. Nenhum adventista genuíno quererá omitir este facto; mas como poderemos convidar os homens a unir-se a este movimento distinto e separado, participando ao mesmo tempo de alguma organização que tenha inequivocamente o objectivo de obliterar as distinções denominacionais? Recusamos unir-nos aos Conselhos de Igrejas, não por causa de mesquinhos sentimentos pessoais ou ideias farisaicas de santidade superior, mas pelo facto de acreditarmos que só poderemos testificar de modo fiel e eficaz em favor de Deus se mantivermos completa liberdade de doutrina e de acção evangelística. Os Conselhos Ecuménicos tomam com frequência resoluções de que dificilmente se podem livrar as igrejas que são membros de tais conselhos.

Este ponto diz respeito ao conceito fundamental de união adoptado pelos Conselhos Nacional e Mundial das Igrejas. Conquanto eles não sejam uma união orgânica das diversas corporações religiosas numa grande corporação (muitos ecumenistas labutam assiduamente com essa finalidade), são em espírito e realidade uma autêntica união. Na verdade, só na proporção em que houver união poderá existir alguma justificativa para tais organizações.

Todavia, para haver união deve existir ampla base para acordo em questões religiosas. Afinal de contas, são as suas crenças que distinguem os homens de qualquer organização. São as crenças que originam os pontos de vista. Elas incentivam os homens a adoptar atitudes definidas. Suscitam campanhas vigorosas. E são as crenças que promovem o espírito de sacrificio e liberalidade, que tem importância capital para as denominações religiosas. Os Adventistas do Sétimo Dia têm a convicção de que devem defender as suas crenças e propagá-las com toda a dedicação. Isto faz com

(Continua na página 6)

SUMÁRIO

Os Adventistas do Sétimo Dia e os Conselhos Nacional e Mundial das Igrejas

Cisterna, Rio e Oceano

A Fidedignidade do Relato da Criação

Entrevista com um Centenário Adventista

Perguntas acerca do Sábado Através do Mundo Adventista

O Meu Testemunho

Notícias do Campo

Agenda Adventista

O Trabalho e os Jogos

NOVEMBRO 1970

ANO XXXI

N.º 290

Director e Editor:
ERNESTO FERREIRA

Administrador:
D. S. R. VASCO

Corpo de Redacção:
A. CASACA, O. COSTA,
A. ECHEVARRIA, M. LARANJEIRA e A. C. LOPES

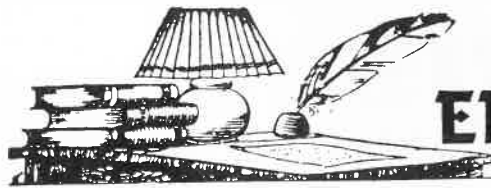
Proprietária:
UNIÃO PORTUGUESA
DOS ADVENTISTAS DO
SÉTIMO DIA

Redacção e Administração:
R. JOAQUIM BONIFÁCIO, 17
LISBOA

Composto e impresso na
SOCIEDADE TIPOGRÁFICA, LDA.
Rua de D. Estefânia, 195 — Lisboa

Assinatura anual: 50\$00
Número avulso: 5\$00

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA



Página
EDITORIAL

CISTERNA, RIO E OCEANO

Uma das maiores necessidades da Igreja Adventista é a sua preparação de dirigentes. Essa necessidade faz-se sentir, quer ao nível dos responsáveis pelas diferentes actividades e departamentos locais—pastor, ancião, diácono, director da Escola Sabatina, das Actividades Leigas, dos Missionários Voluntários, etc. — quer ao nível dos oficiais e departamentos da Sede.

Aliás esta necessidade não se faz sentir apenas na Igreja Adventista. É por isso que, por todo o Mundo, não poucos serviços públicos, empresas particulares e organizações eclesíásticas têm instituído cursos expressamente destinados à formação de dirigentes.

Acima, porém, dos ensinamentos que esses cursos possam ministrar, há certas qualificações indispensáveis para todos quantos tenham de tratar com pessoas e particularmente para quem tenha de as dirigir.

Mencionemos, em primeiro lugar, a aquisição de todos os conhecimentos que dizem respeito à sua função. O dirigente tem de ser um homem de estudo, bem informado sobre o que se relaciona com o seu trabalho, aberto para a assimilação constante de tudo quanto possa enriquecer a sua mente. Numa palavra, precisa de ser uma cisterna sempre pronta a receber as águas da ciência.

Mas a ciência não basta; torna-se necessário o amor. Como dizia o apóstolo Paulo, “ainda que eu... conhecesse todos os mistérios e toda a ciência..., e não tivesse caridade, nada seria”. Sem amor, o dirigente não terá entusiasmo pelo seu trabalho, não poderá ajudar os seus dirigidos nem conseguirá obter a sua confiança e colaboração. E o facto é que, se nas nossas igrejas se nota a falta de ciência, não podemos dizer que não haja menos falta de amor. O dirigente devia ser como um rio, deixando a bênção do amor ao longo do seu trajecto.

Mas ainda mais do que de ciência e de amor, o dirigente necessita de paciência. No seu lidar constante com as mais diversas pessoas e ocorrências, tem de fazer face a difíceis problemas, de buscar soluções para situações imprevistas, de suportar, inalterável, a inércia, a incompreensão, a irritabilidade, a maledicência, a malevolência e até a injustiça de muitos.

Se é, pois, certo que necessita de uma cisterna de ciência e de um rio de amor, não é menos certo que, sobretudo, necessita de um oceano de paciência.

Ernesto Ferreira

A Fidedignidade do Relato da Criação

«Pela fé entendemos que os mundos pela palavra de Deus foram criados; de maneira que aquilo que se vê não foi feito do que é aparente.» (Heb. 11:3)

A doutrina e a fidedignidade do relato da criação começam onde Paulo começa — com uma declaração de fé. Não há outra alternativa.

Como sabemos, quando usamos a palavra *fé* não estamos a descrever uma aceitação cega ou uma esperança quimérica; nem escrevemos fora da razão ou rejeitamos a evidência científica. Fé é uma palavra do Novo Testamento que descreve a relação de confiança para com o Senhor do universo. A fé não é um mero acreditar em algo, é uma realidade que se apodera do homem e modifica a sua atitude para com a própria vida. O homem de fé encontrou o Senhor da sua vida e está disposto a fazer a Sua vontade.

Como resultado desta confiança desenvolvida através da experiência, de que de facto Deus existe e lhe fala, o homem está disposto a ouvir quando Deus revela informação acerca desses assuntos que a razão e a pesquisa nunca poderão desvendar, tais como a natureza e carácter de Deus, a natureza e destino do homem, ou a criação deste mundo. Nestes domínios, se o homem deve alguma vez conhecer algo mais do que a especulação filosófica, a informação tem de ser revelada sobrenaturalmente.

Conhecimento através da experiência

Foi por essa razão que Ellen White escreveu estas notáveis palavras: «Assim, mediante a fé, eles chegam a conhecer Deus com um *conhecimento experimental*. Têm provado por si mesmos a realidade da Sua Palavra, a veracidade de Suas promessas... O amado João tinha conhecimento adquirido *pela própria experiência*. Pôde testificar: 'O que era desde o princípio, o que ouvimos, o que vimos com os nossos olhos, o que temos contemplado, e as nossas mãos tocaram da Palavra da vida (porque a Vida foi manifestada, e nós a vimos, e testificámos dela, e vos anunciamos a vida eterna, que estava com o Pai, e nos foi manifestada); o que vimos e ouvimos, isso vos anunciamos, para que também tenhais comunhão connosco; e a nossa comunhão é com o Pai, e com Seu filho Jesus Cristo.' 1 João 1:1-3.

«Assim cada qual é capaz de, mediante a própria experiência, confirmar que Deus é verdadeiro. João 3:33. Ele pode testificar daquilo que por si mesmo tem visto e ouvido e sentido do poder de Cristo:

«'Eu necessitava de auxílio, e o encontrei em Jesus. Toda a necessidade foi suprida, satisfeita a fome de minha alma. A Bíblia é para mim a revelação de Cristo. Creio em Jesus porque Ele é um divino Salvador. Creio na Bíblia porque achei nela a voz de Deus em minha alma.'

«Aquele que adquiriu certo conhecimento de Deus e de Sua Palavra *mediante a própria experiência*, acha-se apto a empenhar-se no estudo da ciência natural... Assim hoje, o homem não pode por si mesmo ler devidamente o ensino da natureza, a menos que seja guiado por sabedoria divina. É por isso que as ideias meramente humanas quanto à ciência tantas vezes contradizem o ensino da Palavra de Deus. Mas para os que recebem a luz da vida de Cristo, a natureza novamente se ilumina. *Na luz que se irradia da cruz, é-nos possível interpretar devidamente o ensino da natureza.*

«Aquele que conhece a Deus e a Sua Palavra *por experiência pessoal, tem uma fé firme* na divindade das Santas Escrituras. Tem provado que a Palavra de Deus é a verdade, e que a verdade não se pode nunca contradizer a si mesma.» — *A Ciência do Bom Viver*, págs. 461, 462. (Itálico nosso).

Por outras palavras, a simples leitura de Génesis não convencerá ninguém de que este mundo foi criado por Deus, e de que Ele o fez em seis dias, nem a leitura do Salmo 38 convencerá alguém de que Deus falou e logo se fez. Como se pode estar certo de que o relato da criação é fiel?

Reconhecimento de Deus como causa primeira

Acreditamos em Génesis e em Salmos porque acreditamos primeiro noutra coisa. Cremos que Deus falou através de Jesus Cristo e do Espírito Santo; acreditamos que através da narrativa bíblica de Jesus Cristo e dos Seus ensinamentos e através do testemunho pessoal do Espírito Santo temos encontrado o nosso Senhor, que promete o Seu poder e amor e pede a nossa confiança e obediência.

Porque sabemos que Ele é o nosso Senhor, sabemos que Ele é Deus, e pode fazer o que desejar. Declarar que Jesus é Senhor não é mais que aceitar inteiramente a doutrina da criação. Não é apenas lógico, é bíblico.

Porque Jesus é Senhor, e esta é uma verdade que se aprende através de experiência pessoal, quando se responde à Palavra da Escritura e à Palavra do Espírito Santo, Ele é também Deus, e «todas as coisas foram feitas por Ele, e sem Ele nada do que foi feito se fez.» (João 1:3).

Paulo afirma este princípio de que o Senhor é também o Criador: «Há um só Deus, o Pai, de quem é tudo e para quem nós vivemos, e um só Senhor, Jesus Cristo, pelo qual são todas as coisas, e nós por Ele.» (1 Coríntios 8:6).

Não só o nosso Senhor é capaz de criar matéria mas é também capaz de sustentar a Criação com as Suas maravilhosas complexidades e relações mútuas, que requerem contínua energia para existir. “O qual, sendo o resplendor da Sua glória e a expressa imagem da Sua pessoa, e sustentando todas as coisas pela Palavra do Seu poder...” (Hebreus 1:3; cf. Colossenses 1:15-17).

O Novo Testamento não expõe uma doutrina de criação independente e por si mesma. A criação do mundo e do homem é sempre referida em conexão com, e subordinada ao reconhecimento de Jesus Cristo como Senhor que veio a este mundo como redentor do homem.

Como disse Ellen White, “na luz que se irradia da cruz, é-nos possível interpretar devidamente o ensino da natureza”. (Itálico nosso).

Criação Bíblica única

Por conseguinte a doutrina bíblica da Criação é única entre as várias cosmogonias legendárias e místicas dos povos antigos. Não é simplesmente uma interpretação. A doutrina bíblica da Criação está associada a uma intimação, uma chamado do Criador para a Sua criação. Conhecer o Criador é em primeiro lugar, conhecer o nosso soberano Senhor que falou e continua a falar ao homem. A parte do homem é escutar a seu senhor, a Palavra.

Antes que qualquer homem no Velho ou no Novo Testamento conhecesse a Deus como seu Criador, conheceu-o como Senhor. Antes que Adão conhecesse a Deus como Criador, conheceu-o como Senhor.

Uma das razões por que Deus é conhecido por Senhor antes de poder ser conhecido como Criador, é que o homem deve confiar primeiro em Deus antes de poder crer no Seu relato de como o mundo foi criado. A alternativa é crer em Deus ou crer numa das muitas cosmogonias antigas, ou numa das muitas possibilidades filosóficas, ou numa das muitas teorias científicas que pugnam hoje por aceitação, mas que não podem garantir certeza absoluta.

Em virtude do facto de a Criação preceder a própria experiência do homem, o conhecimento do processo da Criação terá de ser-lhe revelado pelo Criador, se algo de certo tem de ser conhecido. Não há nenhum outro modo de o homem saber. Não é uma verdade que possa adquirir por si mesmo. De facto há muitos mitos sobre a criação defendidos por pensadores não cristãos que têm, contudo, um Deus criador. Mas o Senhor Deus da Bíblia não é o mesmo que o Rama dos Sikhs hindus, ou o Theos de Platão, ou o Movimento Primeiro de Aristóteles, ou o Ahura Mazda do Zoroastrianismo. Pode admitir-se que há semelhanças e analogias porquanto

Deus teve como propósito não se deixar sem testemunho na sua criação. “Porquanto o que de Deus se pode conhecer, neles se manifesta, porque Deus lho manifestou. Porque as Suas coisas invisíveis desde a criação do mundo, tanto o Seu eterno poder, como a Sua divindade se entendem e claramente se vêem pelas coisas que estão criadas.” Romanos 1:19, 20.

Embora o Deus descoberto pela razão seja lógico, e desperte um desejo de O conhecer melhor, não é ainda conhecido como o santo e amável Senhor do universo, que se dirige ao homem e lhe pede o seu coração. Se o homem não fosse pecador e se o pecado não tivesse contaminado a natureza, as obras criadas de Deus teriam sido, juntamente com o Espírito Santo, um guia seguro para conhecer a Deus; mas o pecado transformou o relato visível em algo de diferente, como Paulo nos lembra em Romanos 1. Porque um pecador é um rebelde diante do seu Senhor, qualquer linha de raciocínio que tire as credenciais de um Senhor-Criador e assim emancipe o homem da responsabilidade, não só é desejável, mas consciente ou inconscientemente é uma necessidade lógica de rebelião.

É de facto uma conclusão ponderada crer que Jesus Cristo é o Criador deste Mundo. Significa que nunca poderemos fugir ao facto de que somos Sua propriedade. Se nos procurarmos evadir da Sua presença não encontraremos senão dificuldades sem fim, culminadas pela própria extinção.

Mas quando chamamos a Jesus nosso Senhor Criador há algo mais que aprendemos sobre a criação em geral, e sobre o homem em particular.

O homem não é apenas criação de Deus; é uma criatura que voltou as costas ao seu Criador. Embora alguns teólogos cristãos tenham exposto a doutrina da criação em paralelo com a teoria da evolução, a qual concebe o homem como um organismo em desenvolvimento progressivo, a Bíblia mostra-nos claramente o homem como um ser que caiu do seu estado criado.

Não Mais em vez de Ainda Não

Biblicamente, o pecado é um afastamento, uma rebelião e não uma fraqueza natural que pode ser vencida com a maturidade. O pecado não é um caso de “ainda não”, mas de “não mais”. Isto é, o pecado não é algo que está incompleto, ou a inexperiência da raça humana que será suprida ao evoluir a raça da maturidade. O pecado é aquela condição em que o homem caiu desde a sua criação em perfeição. Pecado é o estado de não ouvir a Deus. Pecado é a criatura em rebelião com o Criador. “Por um homem entrou o pecado no mundo, e pelo pecado a morte, assim também a morte, passou a todos os homens ... No entanto a morte reinou desde Adão ... até sobre aqueles que não pecaram à semelhança da transgressão de Adão.” Rom. 5:12-14.

Se Deus fosse simplesmente o Criador que na enevoadada e longínqua eternidade trouxe o mundo à existência, se o processo da evolução fosse o meio escolhido de Deus para que através dele este mundo

tal como hoje o vemos emergisse, a doutrina bíblica de pecado seria de facto absurda. Ilustrações no Novo Testamento, tais como a ovelha perdida, o filho pródigo, a moeda perdida, salientam que o chamado de Deus é um chamado para voltar a uma relação perdida por causa do pecado.

As doutrinas bíblicas fundamentais seriam desprovidas de significado sem o firme fundamento, que é a pressuposição bíblica da doutrina da criação tal como está esboçada — embora tão brevemente — em Génesis. Sem a criação de Génesis, não há necessidade de falar de queda ou de redenção; a existência do mal como rebelião e seu arquiperpetrador Satanás, seria pura ficção; a morte e o propósito das duas ressurreições seriam sem objectivo.

Por outras palavras, na doutrina bíblica da criação, o homem aprende a verdade tanto acerca de si mesmo como acerca de Deus. O que aprendemos acerca de Deus desperta o nosso louvor, a nossa gratidão e a nossa adoração. O que aprendemos acerca de nós mesmos, é que fomos feitos para *responder* a Deus, homens responsáveis (capazes de dar resposta), que nunca seremos homens completos sem ansiedade e possuídos pela esperança, se permanecermos rebeldes e recusarmos escutar o nosso Criador. Por estas razões Deus, o nosso Criador, é por um lado digno de ser temido, e por outro, digno de n'Ele se confiar. Tal é o coração do evangelho eterno: "Temei a Deus e dai-Lhe glória, porque vinda é a hora do Seu juízo. A adorai Aquele que fez o Céu, e a terra, e o mar e as fontes das águas". Apoc. 14:7.

Uma doutrina dominante da criação não só leva o homem ao louvor e à adoração, mas faz da vida de obediência a escolha ideal.

O coração da Mensagem do Sinai

No coração da tonitroante mensagem do Sinai está o conselho divino de que, para nosso próprio bem, devemos lembrar-nos "do dia de Sábado para o santificar ... Porque em seis dias fez o Senhor os céus e a terra, o mar e tudo o que neles há, e ao sétimo dia descansou: portanto abençoou o Senhor o dia de Sábado e o santificou." (Ex. 20:8-11).

A doutrina do Sábado repousa firmemente sobre a doutrina da criação. O facto de que somos criaturas feitas para responder a nosso Mestre, é essencial para uma fé salvadora. Esquecer que somos responsáveis para com Deus, é cair, é pecar, é abandonar a Deus como Senhor, é fazer deuses de nós próprios. O homem deve lembrar-se, e o Sábado semanal é a maneira paternal de Deus lhe recordar que tudo está em ordem quando a Ele se mantém ligado.

Cada semana o cristão que guarda o Sábado recorda as palavras de Jesus: "O Sábado foi feito." Foi feito por um Deus Pai solícito; feito com um propósito como tudo o mais na criação tem um propósito, e esse propósito era o bem-estar do homem! "O Sábado foi feito por causa do homem e não o homem por causa do Sábado. Assim o Filho do homem até do Sábado é Senhor." Marc. 2:27, 28.

Sempre que encontramos o ensino fundamental da Bíblia deparamos com a doutrina da criação e com

a sua relação para com Jesus Cristo. Aqui, no livro de Marcos, o próprio Jesus declara que Ele é Senhor do Sábado, tal como é Senhor do homem, na base do facto de ter criado o Sábado e o homem.

Na realidade, as principais doutrinas do Novo Testamento não poderiam ser pregadas sem o fundamento da história do Génesis sobre a criação e a queda motivada pelo pecado.

Sei que discorrer sobre a fidedignidade do relato da criação é para os Adventistas do Sétimo Dia algo de supérfluo. Todos temos essa questão devidamente assente. Mas, na realidade, será que o assunto está devidamente arrumado e que definimos as várias questões relacionadas com a doutrina da criação? Sim e não! Sim, no sentido de que aceitamos a teologia do Novo Testamento, que se fundamenta na doutrina da Criação. Cremos que Jesus é nosso Senhor e Criador e que o Sábado é a perpétua lembrança deste facto básico. Mas também compreendemos que há certos pormenores que dizem respeito à criação que não conhecemos, porque não nos foram completamente revelados.

Neste espírito escreveu o Pastor Nichol num editorial da *Review* (31 Dez. 1964): "Uma coisa é manter que o relato bíblico é histórico — o que eu mantenho. Outra coisa é manter que o relato histórico provê pormenores precisos — o que não é verdade."

Em virtude de existirem áreas que não estão expressamente clarificadas, apresentam-se por vezes questões e posições que tendem a dividir e polarizar grupos desnecessariamente, e isto mesmo dentro da Igreja remanescente. Esfriam por vezes as relações entre ministros colegas, ou entre dedicados cientistas, ou algumas vezes entre ministros e cientistas adventistas quando se discutem, por exemplo, dados sobre a idade da terra.

Para muitos, a sua experiência cristã parece apoiar-se nas hipóteses científicas em vez de se firmar na relação com o nosso Senhor Jesus.

Em muitos domínios todos nós vemos por espelho em enigma. Mas podemos dizer claramente que a nossa fé não está firmada nem é abalada pelo que possamos ler no jornal da tarde ou na última revista científica. Podem surgir novos dados que constituam um repto a uma análise mais profunda e a uma consideração mais ponderada, mas isto, ministros e cientistas, podem fazer em conjunto, sem abalo de fé e sem ruptura de companheirismo, porque compreendem que a sua fé em Jesus repousa sobre a certeza da cruz e na sua própria experiência pessoal.

Este não é um tempo para os Adventistas do Sétimo Dia se dividirem secretamente, cada um em seu campo, nas doutrinas fundamentais da igreja. De todos os povos sobre a face da terra nós somos o único que tem a dizer algo de convincente e necessário a este mundo num tempo em que nenhuma outra voz pode falar com segurança.

Cinco Certezas

1. Cremos que quando o Senhor do universo fala a Sua vontade é feita. A matéria está sujeita ao Seu

(Continua na página 18)

Os Adventistas do Sétimo Dia e os Conselhos Nacional e Mundial das Igrejas

(Continuação da página 1)

que se torne extremamente difícil a sincera identificação com os Conselhos das Igrejas.

Não podemos desdobrar aqui todas as doutrinas dos Adventistas do Sétimo Dia, nem sequer as que nos caracterizam como um povo peculiar. É não é necessário fazê-lo para tornar evidente que seria impossível pertencermos sinceramente a essas organizações mundiais de igrejas. Bastam alguns exemplos. Um deles é a nossa crença no tocante à origem de todas as coisas.

Indubitavelmente, todo o ponto de vista que se tem acerca da Bíblia e da salvação é influenciado pela noção que se adopta a respeito dos capítulos iniciais do livro de Génesis, nos quais se baseia todo o relato das Escrituras. Interpretamos a origem do homem como manifestação do poder sobrenatural de Deus exercido de modo igualado e em forma inteiramente distinta dos processos ordinários da Natureza que operam ao nosso redor. Este ponto de vista conduz a grandiosas conclusões e serve de padrão para toda a nossa crença com referência a Deus e o homem, e as relações entre eles. Noutras palavras, isto prevê um indispensável fundamento para a nossa crença no sobrenatural. Com efeito, possibilita que creiamos que o próprio Deus intervirá na História no momento culminante, para alterar o curso dos homens e das nações e estabelecer uma nova ordem mundial.

A nossa crença a respeito da origem do homem faz com que consideremos a sua lamentável condição actual como evidência de uma queda. Isto prepara o caminho para a vivida e vigorosa crença de que Deus, de modo inteiramente sobrenatural, interveio na história humana, dois mil anos atrás. Não temos dificuldade para crer literalmente que "Deus foi manifestado na carne." Não somos tentados a desbaratar, subestimar ou deturpar essa declaração.

Naturalmente, isto nos leva a crer que os homens precisam aceitar a Jesus Cristo como Filho de Deus e discernir em Seu sacrifício no Calvário uma expiação substituinte para os seus pecados, a fim de que obtenham a salvação. Dizemos que os homens prosseguem a sua conduta pecaminosa e rebelde, a despeito de todos os melhoramentos sociais, enquanto não aceitarem o sacrifício expiatório de Cristo em seu favor. E quando aceitam a Cristo e a Seu novo e vivo caminho, cremos que se apoderam do único e genuíno poder no mundo para resistir ao mal. Não podemos concordar com a tendência actual que procura reformar o mundo sem reformar os homens à imagem de Deus manifestado na carne.

Profundo Abismo Teológico

A observância do sábado do sétimo dia como memorial da acção criadora de Deus, também faz com que os Adventistas do Sétimo Dia se mantenham separados das outras corporações religiosas. Cremos

tão sincera e fervorosamente na importância das verdades relacionadas com o sábado, que não podemos encarar de modo casual a questão do descanso semanal. Consequentemente, temos de considerar a observância do domingo, no melhor dos casos, como esquecimento das verdades primordiais da relação entre Deus e o homem, e, na pior das hipóteses, como negação dessas verdades. Isto ocasiona um profundo abismo teológico, que não seria conveniente tentar transpor por meio de uniões denominacionais.

O nosso ponto de vista referente à natureza do homem e à sua condição na morte também concorre para nos mantermos separados e torna imprópria a unidade das organizações religiosas. Não cremos ser o homem inerentemente imortal e que, portanto, a verdadeira pessoa, apesar do seu corpo transformar-se em pó, viva num estado de ventura ou de tormento eterno. Cremos que o homem foi formado do pó da terra, segundo declara o livro de Génesis, e que Deus lhe soprou nas narinas o fôlego da vida. Asseveramos que vivemos, e nos movemos, e existimos em Deus, e que por ocasião da morte o fôlego doador da vida — o espírito — volta a Deus, que o deu. Por isso damos grande valor às declarações da Escritura, as quais afirmam que Deus é "o único que possui imortalidade" (1 Tim. 6:16), e que Cristo "trouxe à luz a vida e a imortalidade, mediante o evangelho" (2 Tim. 1:10).

Essa crença a respeito da natureza e do destino do homem dá grande ênfase a uma doutrina pregada vigorosamente pelos apóstolos: a doutrina da ressurreição. Qualquer transigência nesse sentido, que favoreça a ideia de que os espíritos dos mortos podem comunicar-se com os vivos, abre a porta para os enganos do espiritismo. Aqui, mais uma vez, o drama profético dos últimos dias apresenta a necessidade de separação. Somos advertidos de que precisamente com referência a esse aspecto da natureza do homem, as mãos da apostasia se unirão para a acção (Ver Apoc. 16:12-14). Os Adventistas do Sétimo Dia, embora testifiquem da verdade com humildade e amor, precisam manter-se separados, conservando a clareza e a eficácia da sua mensagem peculiar.

Demais, segundo a nossa opinião, algumas tendências dentro do âmbito do Conselho Nacional e do Conselho Mundial de Igrejas confirmam cada vez mais a posição dos Adventistas do Sétimo Dia. A quarta assembleia, em Upsala, na Suécia, demonstrou algo a respeito dessas tendências, pois diversos delegados expressaram o seu desagrado diante das ocorrências. Nos primeiros tempos do movimento ecumênico dava-se considerável ênfase à Bíblia e à Cristologia, ao passo que agora tem havido visível mudança da Bíblia para o mundo, e de Deus para o homem. Não é de admirar que aconteça semelhante coisa, pois a unidade teológica é muito mais difícil de ser alcançada do que a unidade na acção social. No entanto, o testemunho cristão não consiste essencialmente em acção social, mas em evangelismo que penetre em

todos os sectores da vida humana e se baseie na entrega da mente e da vontade, a Deus. Intercâmbio, auxílio e raça são questões importantes; os cristãos precisam de lidar com essas coisas; mas elas não são a plataforma sobre a qual se fundamenta a igreja cristã. Essa plataforma deve sempre continuar a ser a Palavra e as mensagens de Deus à humanidade.

Será que essas corporações ecuménicas não se defrontam com o perene conflito entre a salvação pelas obras e a salvação pela fé? Acaso não testemunhamos o perigo de procurar o homem elaborar o seu próprio destino baseado em sua débil humanidade? É esse um sistema de orientação humana em oposição ao sistema de orientação divina, no qual a salvação é obtida pela fé em Deus, que está efectuando a salvação do universo por meio da salvação dos homens.

Dimensões Escatológicas

Acaso não existe também o perigo de se perder de vista as dimensões escatológicas do Evangelho (inclusive a segunda vinda de Cristo)? Não existe o perigo de obliterar o sobrenatural, dando livre curso a formas deterministas de pensamento? Não sucede com frequência que os dirigentes da igreja negligenciem o encargo da redenção, deixando-se seduzir pela acção política? Em suma, não estamos testemunhando a gradual substituição do futuro reino de Deus pelo reino secular dos homens?

De acordo com a nossa opinião, a aceitação da verdade deve superar todas as outras considerações. Qualquer outro ponto de vista deturparia o carácter do Movimento Adventista e deteria o seu fenomenal avanço. Não que olvidemos os requisitos da verdadeira unidade cristã. Cremos, porém, que essa unidade está arreigada em Cristo, que é a Verdade. Paulo explica isso da seguinte maneira para os efésios: "Cristãos plenamente desenvolvidos e amadurecidos disfrutam de uma unidade que é inerente à sua fé e ao seu conhecimento do Filho de Deus." Efés. 4:13. Fan Bess Noli, The N. T. of Our Lord and Saviour Jesus Christ. Essa unidade cristã não requer a união de igrejas; e essa união de igrejas não produz forçosamente unidade cristã.

O pálio da unidade ecuménica pode cobrir uma multidão de pecados divisionais. Colocar sob o mesmo tecto as divergências teológicas e outras mais, pode tornar a sua presença menos visível, mas não menos real. Corporações religiosas podem ser apanhadas pelo movimento ecuménico, diferindo consideravelmente no entanto nos seus motivos e espírito, ao passo que grupos cristãos não envolvidos mutuamente em unidade denominacional podem ser um em Cristo mediante a fé e a cooperação conscienciosa. É essa unidade fundamental que o Mestre estabeleceu como indicação da verdadeira causa cristã. Com efeito, a união sem essa unidade só pode ocasionar desunião.

A unidade é expressa por meio de vias de comunicação, de modalidades de genuíno intercâmbio entre pessoas ou coisas que lhes são importantes onde ela se manifesta. Baseia-se na fraternidade, e não é suscitada pela remoção de diferenças denominacionais que reflectam claras convicções de cristãos dedicados, com

referência a doutrinas, métodos e objectivos. Conquistar pessoas para Cristo e levar avante a Causa de Deus sempre deve ser mais importante do que métodos ou organização. A igreja cristã é mais forte quando os cristãos se empenham em alcançar objectivos comuns, irrestritos, desimpedidos, e em harmonia com as crenças e os propósitos tomados. Neste sentido, os Adventistas do Sétimo Dia estão dispostos a ser cooperadores e patrocinadores conscienciosos da verdadeira unidade cristã. Tal unidade aumentará o prestígio moral da causa cristã no mundo todo.

No contexto e no espírito delineado neste artigo, os Adventistas do Sétimo Dia continuarão a persuadir os homens a aceitar as mensagens que proclamam, e a identificar a sua vida e propósito com a vida e o propósito de Deus, no serviço da sua Causa, sabendo muito bem que unicamente conservando-se livres, não se envolvendo em associações denominacionais, poderão desempenhar o papel que lhes foi designado, dar fiel e eficaz testemunho "aos que habitam sobre a terra" (Apoc. 14:6) e promover a verdadeira unidade cristã entre todos os homens de boa vontade.

A Minha Escola Sabatina

Há um lugar do qual eu muito gosto
No santo dia do Senhor.
Lugar melhor decerto não conheço
Em que ore e cante em Seu louvor.

É um lugar que os anjos bons visitam,
Unindo-se connosco ao cantar;
É um lugar em que aprendemos sempre
O que é direito, e a não errar.

É um lugar no qual ouvir podemos
Histórias lindas de além-mar,
De missionários que deixaram tudo
Para outras almas ir salvar.

É um lugar em que nós dar podemos
Para outros virem a saber
Como Jesus viveu, enfim morrendo
Para vida podermos ter.

"Que lugar é esse?" alguém pergunta.
Deveis, bem sei, também ouvir:
A preciosa Escola Sabatina,
Onde e sempre quero e hei-de ir.

Juanita Boyce

Entrevista com um Centenário Adventista

por E. NAENNY

Secretário de Publicações da Divisão Trans-Mediterrânica

Desejais encontrar-vos com um centenário e um nonagenário adventistas, dois irmãos que chegaram a conhecer os pioneiros da nossa Obra? Sim? Então acompanhai-me até à Califórnia.

Depois de termos transposto uma bela colina arborizada, chegamos ao lar de reformados "Cristal Springs", anexo ao nosso hospital de St. Helena. Fazamos algumas perguntas a Joseph M. Pederson, que possui uma excelente saúde física e mental:

P. *Irmão Pederson, qual é a sua idade?*

R. Nasci a 30 de Abril de 1870 e acabo portanto de chegar aos cem anos.

P. *A que atribui a sua longevidade?*

R. Dir-lhe-ei em primeiro lugar que o meu pai também foi centenário; mas atribuo a minha longevidade sobretudo à aplicação da temperança cristã: não tomo bebidas alcoólicas, não fumo, sou vegetariano há sessenta e quatro anos, sigo uma vida regular. Deito-me cedo e procuro manter o meu espírito desperto para o estudo.

P. *Como se tornou adventista?*

R. Fui baptizado depois de ter seguido uma conferência do Pastor Hans Steiner em Heilderberg, na Alemanha. Em 1909, defendi nessa cidade a minha tese de doutoramento em filosofia. Fui nessa altura um dos primeiros adventistas a possuir um título universitário.

P. *Qual foi a sua actividade no seio da nossa denominação?*

R. Ensinei hebraico, grego e alemão nas nossas escolas. A minha carreira terminou quando atingi os 90 anos, no "Pacific Union College" onde exerci durante vinte e oito anos.

É na verdade digno de realce o facto deste nosso irmão ter trabalhado até uma idade tão avançada!

Temos agora diante de nós Ernest Lloyd, também extremamente simpático. Os seus belos cabelos brancos e a serenidade do seu semblante inspiram o nosso respeito. Vamos fazer-lhe algumas perguntas:

P. *Que idade tem, irmão Lloyd?*

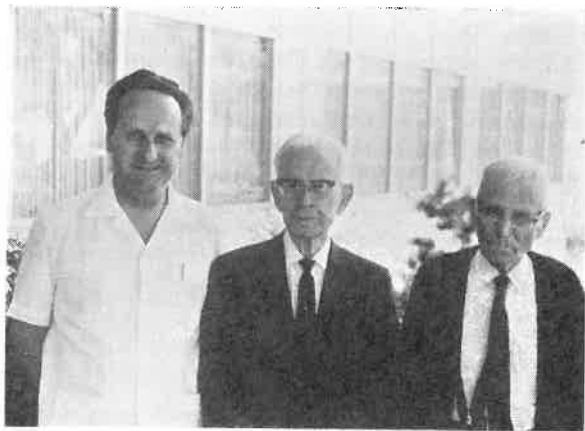
R. Oh, ao lado do irmão Pederson, sou ainda um jovem, pois encontro-me no nonagésimo primeiro ano da minha vida!

P. *A que atribui a sua saúde e lucidez? (Pois somos atraídos pela sua memória pouco vulgar).*

R. À graça de Deus, à moderação, e também à aplicação dos conselhos da irmã White, que tive o privilégio de conhecer pessoalmente.

P. *Quando a conheceu pela primeira vez?*

R. Em Abril de 1901, aquando da sessão da Conferência Geral, no Tabernáculo de Battle Creek. Tinha então 21 anos e estudava no nosso antigo colégio dessa cidade. Sentado na galeria, ouvi-a por várias vezes. Ela transmitiu importantes mensagens da parte



Da esquerda para a direita: E. Naenny, E. Lloyd, J. M. Pederson

do Senhor, dirigindo apelos com vista à reorganização da Conferência Geral, em virtude da extensão da Obra. Foi nessa sessão que se decidiu a criação de Uniãos, de Conferências, dos Departamentos, assim como a transferência da sede mundial de Battle Creek para Washington D. C. O ir. A. G. Daniels, que era dotado de um excepcional sentido de organização, foi nomeado presidente, função que desempenhou durante vinte e um anos.

P. *Que impressão lhe deixou a irmã White?*

R. Uma impressão "para toda a vida", se assim se pode dizer! Ela tinha então 73 anos, era de baixa estatura (1,55 m) e tinha uma aparência muito modesta. A sua atitude geral era humilde. Mas quando tomava a palavra, a assistência era como que galvanizada. A sua voz era forte, surpreendentemente firme.

— Não se esqueça de escrever que a sua voz era transportada pela graça divina! acrescentou o irmão Lloyd com insistência. Ela podia ser ouvida facilmente a 700 metros. Todos os que ouviram a irmã White davam o mesmo testemunho: ela era inspirada por Deus.

P. *Não se terá por vezes uma falsa imagem da Mensageira do Senhor? Alguns pensam que ela era intolerante e tinha vistas estreitas.*

R. A leitura de certos "testemunhos" pode fazer supô-lo; mas isso é interpretá-los mal. É certo que a irmã White não se comprometia com o pecado. Contudo quando ela devia repreender a igreja ou um indivíduo, isso constituía para ela um dever penoso. Agia sempre com muita caridade, tacto e delicadeza. Era com lágrimas que recebia certas revelações e, hesi-

(Continua na página 19)

Perguntas

Acerca do Sábado

“O Sábado que os adventistas guardam actualmente é mesmo o dia de repouso no qual Deus cessou a Sua obra na Criação? Poderão provar-me isso com a Bíblia?”. (Consultante anónimo, na revista “Novas de Alegria”).

Ninguém que acredite no relato bíblico duvida de que o Sábado da semana da criação é o que foi guardado por Adão e sua família.

Que tenha sido transmitido inalterado desde Adão a Abraão não é difícil de compreender, se tivermos em conta que, de acordo com a cronologia de Génesis 5 e 11, a vida de Adão atinge a de Metusala, a deste a de Sem e a deste a de Abraão.

Não é natural que os próximos descendentes de Abraão se tenham desorientado quanto à posição do verdadeiro Sábado em relação à semana, mas, na pior hipótese, se isso tivesse sucedido, por exemplo durante a estadia dos israelitas no Egipto, temos após o Êxodo uma confirmação dada pelo próprio Deus.

Durante a travessia do deserto, Deus alimentou o Seu povo com o maná, que devia ser colhido em cada um dos seis primeiros dias da semana. No sexto dia, “prepararão o que colherem, e será o dobro do que colhem cada dia” (Exod. 16:4,5). E porque deviam na sexta-feira preparar o dobro? “Isto é o que o Senhor tem dito: Amanhã é repouso, o santo Sábado do Senhor” (vers. 23).

Assim, ainda que desde Adão os homens tivessem perdido a conta dos dias da semana, o que como vimos não é natural, aqui está Deus de novo a recordar quando ocorre o Sábado autêntico. Ninguém por certo admitiria que Deus então chamasse ao sétimo dia da semana “o santo Sábado do Senhor”, se isso não correspondesse rigorosamente à verdade.

Pouco depois de ter começado a aparecer o maná, foi dado no Sinai o Decálogo, em que se encontra o mandamento do Sábado.

Desde então até ao tempo de Jesus é sabido como o Sábado está entretecido com a história de Israel.

Segundo Jeremias, a sua transgressão foi uma das causas do cativo judeu em Babilónia e da destruição de Jerusalém por Nabucodonosor (Jer. 17:27). Após o cativo, quando os judeus voltam à Palestina, prometem solenemente a Deus não mais violar o Sábado (Neem. 10:29-31).

No tempo de Jesus, eram os judeus estritos observadores do Sábado, mais até do que o razoável. Cfr. Mat. 12:1-12; João 5:5-19.

Quanto ao divino Mestre, sabemos que Ele guardava o Sábado. Cfr. Luc. 4:16; 23:56. Se o dia que os Seus contemporâneos guardavam como Sábado não

fosse na realidade o sétimo dia da semana não os teria Ele corrigido?

Desde o tempo de Jesus é certo não ter havido nenhuma alteração que afectasse o sétimo dia da semana como sendo o Sábado.

Desde 46 a. C. estava em vigor o chamado Calendário Juliano, instituído por Júlio César. Baseava-se no sistema do ano comum de 12 meses e do ano bissexto em cada 4 anos. Tendo havido um êrro no cômputo, verificou-se mais tarde que o ano civil começava com dez dias de atraso em relação ao ano solar. Assim, em 1582, o papa Gregório XIII suprimiu dez dias no calendário, sem que esta interrupção implicasse qualquer interrupção do ciclo semanal. Com efeito, o dia 4 de Outubro de 1582 foi uma quinta-feira e o dia seguinte, 15 de Outubro, foi uma sexta. O calendário assim modificado ficou conhecido por Calendário Gregoriano, e é o que actualmente está em uso no mundo civilizado.

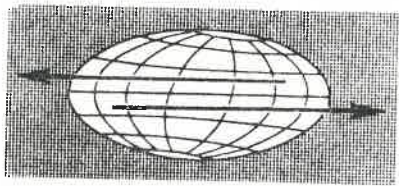
Pelo que fica exposto, se conclui que o Sábado de hoje é o mesmo que guardou Adão; o mesmo que, quando o povo de Israel se dirigia do Egipto para Canaã, o próprio Deus chamou “o santo Sábado do Senhor”; o mesmo que Jesus, o “Senhor do Sábado” e nosso Modelo, guardou.

Necessitaremos de argumentos de mais valor?

E. Ferreira

Os nossos membros de Tomar





ATRAVÉS DO MUNDO ADVENTISTA

Seis Semanas em Terras do Urundi

S. F. Monnier

Bujumbura é uma pequena cidade da África central, com cerca de 75 000 habitantes. Quando em tempos idos era capital do Ruanda-Urundi — dois territórios então unidos — chamava-se Usumbura. O Ruanda é desde a sua independência uma república. Dessa amalgama de territórios foi necessário criar uma capital: Kigali. Usumbura tornou-se Bujumbura, sendo esta a cidade mais importante do Urundi.

A União da África central compõe-se do Ruanda, com cerca de quatro milhões de habitantes, dos quais 85 000 são adventistas, e do Urundi, com cerca de três milhões e meio de almas, e 8 000 adventistas. Esta União é a segunda em número de membros, em todo o mundo; vem logo a seguir à do Pacífico, na Califórnia, a qual conta mais de 100 000 adventistas.

A nossa obra foi iniciada no Ruanda-Urundi por volta de 1920. Foram pioneiros David Delhove, Alfred Matter e Henri Monnier, cujos nomes são ainda pronunciados pelos que pertencem à primeira geração de adventistas no país. Estes homens de Deus implantaram ali, de forma indelével, o nosso movimento. Tal trabalho foi possível graças à sua personalidade, ao seu entusiasmo, ao seu trabalho infatigável, ao seu dom de formar homens, pregadores, "leaders" africanos, capazes de fazer frutificar a causa de Deus entre os seus compatriotas. É certo que como pedagogos, foram estritos e severos, mas ainda hoje não deixam de ser respeitados, amados e venerados.

A nossa igreja desenvolveu-se duma maneira particular em zonas onde os membros vivem por vezes completamente isolados em suas humildes habitações, edificadas entre as encostas de colinas verdejantes. Porém hoje, no Ruanda e no Urundi, o futuro desses países depende das cidades, e sobretudo das capitais, onde está instalada a administração civil e militar, onde as escolas técnicas e a universidades exercem a sua acção. Mas é também ali que a presença adventista se torna indispensável. Por esta razão surgiu a ideia de lançar uma grande campanha de evangelização em Bujumbura, tendo em vista não só atingir as camadas populares da sociedade, como também a *élite* intelectual africana, e, mesmo, o elemento europeu.

Podeis imaginar a minha surpresa quando recebi um apelo que me convidava a dirigir esta campanha! A Divisão Trans-Mediterrânica anuiu em me ceder à sua irmã Trans-Africana, pelo período de seis semanas, e assim deixei Genebra a 2 de Abril, tendo aterrado no dia seguinte de manhã, pelas 9 horas, em Bujumbura, via Kinshasa. Ali me receberam calorosamente alguns dos nossos missionários e dirigentes africanos, e uma corrente de simpatia foi imediatamente estabelecida.

Ao chegar ao aeroporto de Bujumbura, deparou-se-me o pouco dessa capital que devia conquistar para Deus. A minha atenção foi atraída para os diferentes blocos de construções alicerçados no flanco da montanha que domina a cidade e o lago Tanganhica.

— A que se destinam aqueles imensos imóveis, lá adiante?, perguntei.

— Aquele é o colégio dos Irmãos do Espírito Santo, foi a resposta.

— E aqueles edifícios à esquerda?

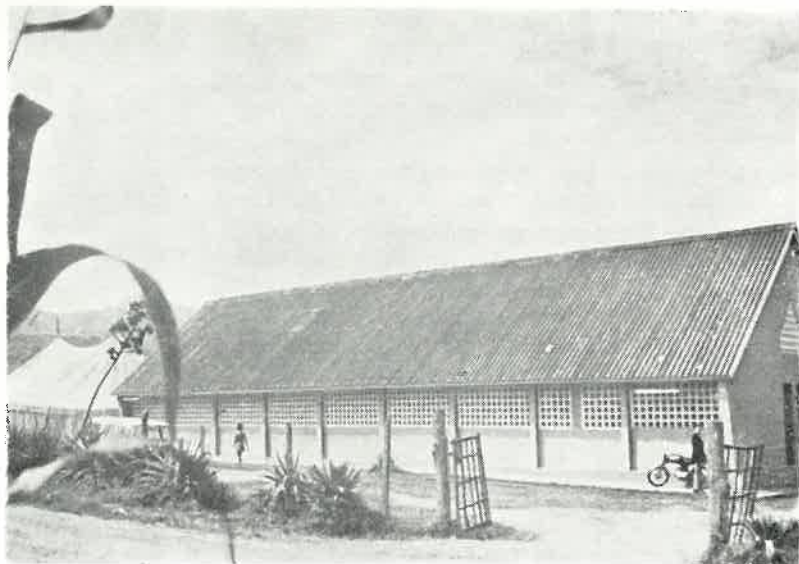
— Aquele é o colégio de meninas, dirigido por freiras. Já na cidade, deparei, um pouco por toda a parte, com estabelecimentos de ensino assinalados com uma cruz, que imediatamente me permitiram avaliar a influência do catolicismo no Urundi. Por meio de numerosos estabelecimentos de ensino primário, secundário e superior, a Igreja romana assegura nas suas mãos o futuro do país — a juventude. Alguém me confidenciou: "Se os vários embaixadores do mundo comunista são aqui muito activos, não é menos verdade que o catolicismo desempenha um importante papel social e político. Será necessário ter o facto em conta, ao organizar as suas conferências."

Como poderia eu conquistar o coração desta população se "a priori" me via rodeado de dificuldades provenientes duma bem sincronizada campanha de oposição que certamente não deixaria de ser organizada, por um lado, pela igreja romana, e pelo outro, por forças políticas comunistas? Só havia um meio: entrar em contacto com os próprios elementos que têm influência na direcção do país e na orientação da sua ideologia.

Fui assim ter com o bispo, africano simpático e atencioso. Falámos do ecumenismo, e ele exteriorizou bem o desejo de que a igreja adventista se pudesse unir à de Roma a fim de resistir ao ateísmo que diariamente, afirmou, ganha terreno no seu país. Assegurei-lhe que é nosso desejo que todos os homens, todos os cristãos, se unam à volta da Palavra de Deus, essa Palavra que nos convida a pôr em estrita prática o ensino de Cristo e dos apóstolos. Ele aquiesceu. Sugeri-lhe a distribuição entre os padres da capital, de um certo número de convites às conferências, o que me prometeu fazer. Desejou-me bom êxito e afirmou mesmo: "É tempo de a igreja adventista se instalar melhor nesta capital. Nada se conhece dela aqui, e tem-se a impressão que a sua acção se faz apenas sentir entre as camadas mais miseráveis e atrasadas...!"

Tive ainda contactos com os pastores da igreja Anglicana e de outras minorias protestantes. Mas era necessário criar também um clima de simpatia entre as autoridades civis do país. Com esse objectivo fiz o necessário para ser

O templo e a tenda — 800 a 1000 lugares



recebido por vários ministros: do Interior, dos Negócios Estrangeiros, da Educação, tendo-se este comprometido a reconhecer oficialmente o colégio de Kiwoga, a única instituição secundária nossa no Urundi; quanto ao ministro da Informação, prometeu-me que as nossas conferências seriam cada dia anunciadas pela rádio em francês e nas duas línguas vernáculas do Urundi. Ele cumpriu a sua palavra, e ao terminar a minha estadia convidou-me mesmo a despedir-me da população utilizando a emissora. Pude assim exprimir a minha apreciação pelas semanas passadas nessa terra hospitaleira e generosa, exteriorizando ainda o desejo de que a Bíblia pudesse penetrar em cada lar e trazer a felicidade e o equilíbrio que o livro sagrado dispensa aos que esforçam por pôr em prática os seus ensinamentos.

No decorrer destas visitas oficiais, fiz-me sempre acompanhar pelo presidente da União e por um dos nossos presidentes de missão africanos, que tiveram assim a oportunidade de penetrar nestes meios e de se tornar conhecidos. No fim de cada entrevista, oferecíamos às entidades o álbum VOS AMIS LES ADVENTISTES (Os Vossos Amigos Adventistas) e não deixámos de com eles orar, o que os deixava bastante emocionados e reconhecidos. Finalmente, mesmo antes da minha partida, fiz-lhes um pedido — a autorização de uma entrevista com o chefe de Estado.

Eu sabia que estes contactos tornariam difícil uma eventual intervenção negativa da igreja romana, e de certas forças políticas.

Tiveram então início as minhas conferências no nosso templo. Como este não tinha lugar para mais de 400 a 500 ouvintes, levantámos mesmo diante da entrada principal uma grande tenda com a capacidade de 300 a 400 pessoas. Logo desde o primeiro dia, o templo e a tenda ficaram repletos: entre 800 a 1 000 homens e mulheres comprimiram-se cada tarde a partir das 17 h 15. Foi uma realidade o trabalho que pudemos fazer em equipa, pois os irmãos da União, tendo à sua frente o presidente da mesma, deram-nos a melhor colaboração. O trabalho foi considerável. Destaco, dentre outros, esse missionário inglês, secretário do departamento das actividades leigas, encarregado da sonorização dos locais. Ele devia instalar cada dia os microfones e os altifalantes e trazê-los para sua casa no fim de cada conferência. O país é pobre e os ladrões... tão numerosos! No dia seguinte ele recomeçava a mesma operação, assim procedendo seis vezes por semana durante cinco semanas. E a mesma instalação era necessária à noite, na cidade, no salão de conferências!

Os que compreendiam o swahili reuniam-se na tenda; no templo ficavam os que compreendiam a segunda língua do país, o kirundi (sendo a primeira o francês). Claro que eu falava o francês; a meu lado, um excelente tradutor transmitia a mensagem em kirundi e um outro, na tenda, traduzia simultaneamente em swahili. Era precisa uma verdadeira ginástica, mas aparentemente tudo funcionou bem, porque os três grupos linguísticos se mostraram satisfeitos.

A União tinha providenciado a vinda de catorze pregadores do Ruanda, e com os catorze do Urundi, estando nestes incluídos os da União, éramos ao todo uma trintena. Não se pode dizer que fosse demasiado não só para assegurar o serviço de ordem mas sobretudo para estabelecer contactos nos domicílios. A estes homens se deve o sucesso da campanha de evangelização. Eles foram leais, fiéis, corajosos, perseverantes e pontuais. A parte musical, excelente, foi em grande parte assegurada pelos professores do nosso colégio de Kiowa, situado a uns vinte quilómetros da capital, e pelo director, o irmão Daniel Gutekumet. Tínhamos decidido de antemão recusar as crianças e não apresentar projecções luminosas ou filmes, que atrairiam uma multidão de curiosos, de pé descalço, que perturba pelo barulho, mas que não tem qualquer interesse pela mensagem. Não estávamos dispostos a

receber não importa quem, mas sim homens e mulheres capazes de compreender o ensinamento bíblico, decididos a vir escutar unicamente a meditação da Palavra de Deus. A polícia teve de intervir nas duas primeiras conferências para afastar os basbaques e a miudagem que gritava; mas depois fomos nós próprios que assegurámos o serviço da ordem. Os resultados foram muito satisfatórios. Metade da assistência era composta de jovens rapazes dos 16 aos 30 anos; 3/10 eram constituídos por homens dos 30 aos 50 anos e os restantes 2/10 por mulheres e pessoas idosas.

A partir da terceira semana, foram organizadas classes bíblicas: duas em francês, nove em kifundi e três em swahili. Três dessas classes funcionavam imediatamente depois da conferência e as outras onze uma hora antes. Cada uma era dirigida por um pastor e contava entre 8 e 24 alunos, todos do mesmo quarteirão. O mesmo pastor-instrutor visitava este quarteirão e tinha encontros com os membros da sua classe em suas próprias casas, o que facilitava grandemente a tarefa, pois o trabalho mais importante tinha lugar nos domicílios. Aliás muito antes da campanha ter início, já ali andavam os nossos irmãos e irmãs na distribuição do Livro Sagrado, seguindo o método "A Bíblia Responde" (o sucesso final da campanha deveria depender da profundidade da preparação precedente); cada manhã, durante as cinco semanas de evangelização, era feita a correcção das lições e prosseguiam os estudos dados nos domicílios. Cada um dos meus colaboradores não visitou menos de 200 lares e tinha por objectivo conduzir pelo menos 10 pessoas ao baptismo. Todas as manhãs, das 8 às 9, durante uma reunião de obreiros, recebiam as instruções necessárias; todos se exprimiam livremente e nos diziam quantas almas tinham já tomado posição em favor de Cristo.

Exactamente oito dias antes do fim da campanha, uma sexta-feira à noite, tivemos a cerimónia baptismal de cinco neófitos cuja preparação se tinha feito durante meses antes. A um lado do baptistério, na primeira fila, encontrava-se sentado o cura da paróquia, e do outro, um abade. Mais de mil pessoas assistiram a esta cerimónia que se desenrolou no meio do mais completo recolhimento, até ao momento do apelo, em que se perguntava quem desejava comprometer-se por escrito a receber a formação espiritual necessária com vista ao baptismo. Aqueles que levantavam a mão eram convidados a vir à frente, onde transitavam para uma sala que ficava atrás da tribuna. Duzentos e sessenta e oito homens e mulheres quase que pisaram os pés dos dois sacerdotes, para lá chegarem. O cura da paróquia estava completamente desmoralizado. "Senhor conferencista, disse-me ele, isso não é possível, o senhor leva os meus melhores e mais fiéis membros. Que vai ser de mim? O bispo vai-me demitir, eu vou perder a minha situação. Que devo fazer?"

— Oh, respondi-lhe, Senhor Abade, o mais simples é

Os pregadores africanos e o conferencista — uma equipa unida



seguir o exemplo dos seus paroquianos e preparar-se para o baptismo.

— Não posso, já tenho uma certa idade, não posso fazer isso, é terrível, é terrível.

Levei o homem para um canto e ali falámos. Procurei encorajá-lo, fazendo-lhe compreender que o que mais contava nesta terra era a sua própria salvação.

No dia seguinte tiveram início visitas a todas as pessoas. Foram suprimidos os nomes dumas quarenta que tinham assinado o compromisso sem saber bem o que isso implicava. Mas outras almas, tímidas e hesitantes, que ainda não tinham manifestado a sua decisão começaram a tomar posição quer nos seus lares quer publicamente. Ao fim das cinco semanas, 354 homens e mulheres frequentavam as classes baptismais, ou recebiam estudos bíblicos em seus lares, estudos esses ministrados pelos nossos pregadores. Todas estas almas tinham aceitado por escrito unir-se à igreja adventista. O nosso grupo de evangelização tinha proposto a si próprio o objectivo de 100 baptismos. Quanto a mim fixara-o em 200. O Senhor na Sua bondade, concedeu-nos mais do que tínhamos ousado suplicar. Houve quem desejasse que os primeiros baptismos tivessem lugar durante a minha estadia. Opus-me contudo à ideia, pois se a quantidade anima, a qualidade é finalmente o que conta. Semanas de estudo perseverante são ainda necessárias a estas almas sentimentalmente tocadas e intelectualmente convencidas, que deverão agora assimilar os ensinamentos recebidos e pô-los em prática já antes da imersão.

Outras reuniões de evangelização tinham lugar, às 20 horas da noite, no salão de um hotel situado no centro da capital. Um irmão belga e sua esposa, os únicos leigos europeus que temos no país, tinham tomado a seu cargo o aluguer deste salão. Catorze conferências foram aí apresentadas, desta vez só em francês. 130 a 160 pessoas estiveram presentes regularmente: 4/5 de africanos — a *élite* intelectual: ministros, funcionários, estudantes, religiosos — e 1/5 de europeus. Qual não foi a minha surpresa, na primeira noite desta série de conferências na cidade, quando deparei com um homem a instalar diante de mim um microfone e um gravador! Perguntei-lhe quem o tinha encarregado de gravar as minhas conferências: “O senhor Presidente da República”, respondeu ele. Soube depois que cada manhã, ao levantar, o Chefe de Estado escutava a palestra que eu tinha apresentado na véspera. Eis quem certamente constituía a melhor das apresentações! Com efeito, dez dias mais tarde, fui convidado a fazer uma visita a sua Excelência Michel Micombero, presidente do Estado Murundi. Esta entidade, outrora à frente do exército do Urundi, foi formado pela Escola Militar de Bruxelas. É ainda jovem, muito calmo. Tive com ele uma conversa muito interessante

no decorrer da qual tive oportunidade de lhe oferecer uma bela Bíblia, em couro, o álbum “VOS AMIS LES ADVENTISTES”, e ainda o curso “A Bíblia Responde”. Reconhecido, ofereceu-me por sua vez, em nome do povo Murundi — insistindo para que voltasse e realizasse conferências semelhantes em todas as cidades do país — uma cesta encantadora com o formato das cubatas locais, enfeitada pelos hábeis dedos de mulheres da região. Separámo-nos não sem a promessa mútua de nos correspondermos, e de termos orado juntos. A rádio anunciou esta entrevista entre o Chefe do Estado e S. F. Monnier, o “conferencista internacional” (*sic*) qualificando-a de “confidencial”.

Uma semana antes do meu regresso à Europa, organizámos uma nova igreja em Bujumbura, igreja essa de língua francesa. No sábado à tarde, cerca de sessenta pessoas reuniram-se na sala de conselho dos escritórios da União, quarenta das quais não eram adventistas. A maioria era constituída por estudantes e funcionários. Mas encontrava-se também ali um general francês, bem como um padre e uma madre professora. Devo dizer-vos que uma quinzena de madres assistia cada noite às conferências feitas na cidade: o bispo tinha cumprido a sua palavra. Senti o dever de lhe agradecer o cuidado, e de me despedir. Para vos ser franco, devo reconhecer que esta segunda entrevista decorreu em ambiente muito frio do lado do representante da igreja romana. Dessa vez não pude mesmo orar com ele.

Decorridas algumas conferências em francês, 18 pessoas, três das quais belgas, manifestaram o desejo de se unirem à nossa igreja. O interesse foi tão grande, tão profundo o desejo de “receber”, de se documentar, que me convidaram a tomar a palavra noutros locais, como por exemplo no Ateneu (liceu belga), na universidade, num colégio católico; finalmente não pude corresponder a todos os convites que me foram feitos para que fizesse palestras ou desse entrevistas.

As crianças não foram mais negligenciadas. Duas vezes por semana, durante uma hora, contávamos-lhes histórias e ensinávamos-lhes magníficos cânticos, sendo o principal: “Il y a de la joie dans mon coeur” (Eu tenho alegria em meu coração). Quando percorria as ruas da cidade, acontecia que muitas vezes se punham diante de mim e entoavam: “Eu tenho alegria em meu coração”, ou então exclamavam: “Monnier, há alegria em meu coração!”

Neste momento recordo todos esses instantes apaixonantes. Vejo centenas de não adventistas comprimirem-se, ao sábado, no nosso templo, desejosos de guardar todos os mandamentos de Deus e de se prepararem para o baptismo. Vejo, na nossa sala da União, este pequeno grupo de pessoas pertencentes à elite local, que constituirá os futuros membros da primeira igreja adventista de língua francesa

em Bujumbura. Penso no testamento desse general francês, professor de Direito, da universidade local, que me disse: “Senhor pastor, tenho já ouvido falar dos adventistas e confundia-os com as Testemunhas de Jeová; agora conheço-os. Sei qual o é caminho que devo seguir. É necessário que ponha a minha vida em ordem com Deus.” Penso nesse casal de professores do Estado, desejosos de ser baptizados neste Verão (1970) ou talvez no Outono, e de ensinar numa das nossas escolas de igreja; e nesse casal de funcionários do Ministério das Finanças, que também deseja pôr em ordem a sua existência. Penso nesse ex-adventista belga da igreja de Anvers que decidiu retomar os caminhos cristãos e ser um membro da igreja adventista de Bujumbura. E nessas centenas de jovens, sobretudo de homens, desconhecidos para mim, sorridentes, atentos, que procuravam apertar-me a mão o mais frequentemente possível, e dirigir-me palavras amáveis para me agradecer. Recordo esse jovem muçulmano expulso da casa paterna por ir às

Entrega de uma Bíblia ao Presidente da República do Tchad



Várias vezes tenho pensado comigo que me assiste o dever de dar o meu testemunho de Jesus. Não tenho o direito de o ocultar, pois constitui a razão de ser da minha vida.

Ao ouvir o apelo do Pastor E. L. Minchin, há já algum tempo, entendi que era chegado o momento de cumprir esse dever. Embora Jesus tenha sempre existido na minha mente, pouco conhecia da Sua vida, pois não me fora dada uma educação religiosa.

Via as minhas amigas frequentarem a igreja católica e eu, que possuía a fé em minha alma, esforcei-me por ser católica também.

Mas depois de ler, estudar e observar, verifiquei pesarosa que nada disso me podia satisfazer e o meu coração continuava a ansiar pelo amor de Cristo. Cada vez que regressava a casa, vinda da igreja, o meu espírito encontrava-se vazio, e a sede de conhecer a Cristo era cada vez maior. É certo que tinha ami-

nossas conferências, que decidi entrar no nosso colégio para vir a ser um dia pregador adventista e trabalhar em favor dos seus correligionários do Urundi. Recordo esse homem que me introduziu nas mãos a seguinte mensagem: "Senhor pastor, agradeço-lhe sinceramente ter salvo a minha alma com os seus sermões. Que poderei fazer para provar a minha gratidão? Nada mais do que orar por si e por sua família..." Penso enfim nessas 372 preciosas almas que assinaram o seu compromisso com Cristo.

Peço a Deus que abençoe a todos, assim como à sua obra no Urundi e no Ruanda, dois países prometedores, por pouco que continuemos a atingir todas as classes da sociedade. Penso também e sobretudo nessa menina de oito anos que me veio ver num sábado, que me tomou pela mão e me fez compreender que me queria falar. Ao curvar-me, ela colocou os seus lábios bem perto do meu ouvido e murmurou: "Senhor, amo-o." Olhei para ela e perguntei-lhe: "Porquê?" "Porque desde que o papá e a mamã vão às suas conferências, já não discutem em casa, nem batem um no outro."

Não é esta a primeira etapa do caminho da perfeição que todos desejamos alcançar?

Sacerdotes e freiras estavam presentes!



O Meu Testemunho

gas católicas cuja sinceridade apreciava, mas eu necessitava de ver a Cristo na sua igreja.

Passaram alguns anos. Embora nutrisse afecto pela humanidade, à qual pertencço, cresceu a minha convicção de que só Jesus é mediano entre Deus e os homens. Por essa altura escrevi para o jornal local um artigo intitulado "Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida". Ali mostrava o que a minha alma sentia por Jesus. Nesta Sua afirmação — O Caminho a Verdade e a Vida — depositava eu a minha fé, certa de que não havia outro caminho, outra verdade, outra vida. A esse artigo foi rejeitada a publicação, sob pretexto de que era "um assunto pobre". Lembro-me quão triste fiquei pelo facto. É que não me foi dito que estava esse escrito exposto pobremente, mas sim que era um "assunto pobre". Fiquei com uma noção mais viva e mais ampla da necessidade que a humanidade tem de Jesus, dos Seus ensinamentos e preceitos. Esse jornal que várias vezes me havia publicado artigos focando questões humanas em que o meu parecer era falível, recusava-se a publicar um artigo que explanava um conceito de Jesus como norma de vida segura, única, por ser "um assunto pobre."

Entretanto os anos foram decorrendo, até que um dia — e que dia — Jesus entrou em meu lar.

Quando certa manhã, clara, radiosa, fui recolher o caixote do lixo, verifiquei que no fundo, em perfeito estado de limpeza, estava um livro pequeno que ostentava na capa estes dizeres: "O Evangelho Segundo S. João". Dentro encontrava-se um convite para me inscrever na Escola Rádio-Postal, para seguir um curso bíblico por correspondência. O meu coração batia alvoroçadamente na certeza de que Jesus estava à minha porta, e que a minha ansiedade por Ele era correspondida.

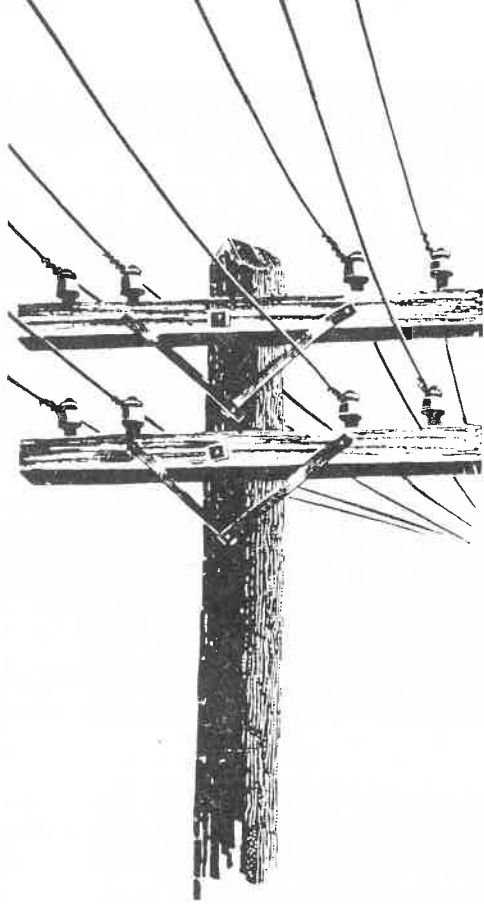
Nesse dia de Primavera, o sol entrava a jorros pela janela. Mas o sol que resplandecia em mim era outro — era um sol espiritual que não tem ocaso.

Não tenho palavras para descrever o transporte de alegria que esta nova trouxe à minha alma.

Um curso bíblico por correspondência era o melhor que eu poderia fazer para conhecer as Escrituras; mas tornava-se necessário contar com a oposição dos meus familiares.

Assim obtive o meu diploma na E. R. P. e tomei contacto com a Escola Sabatina. Não me cansava de dar graças a Deus. Quando tive conhecimento da Igreja Adventista do Sétimo Dia, na Amadora, onde resido, tive logo o desejo de assistir aos cultos. Enfrentei, porém, oposição e escárnio da parte dos familiares.

(Continua na página 17)



OBREIROS

Manuel Ramos Lobato

Em 7 de Agosto, com sua Esposa e Filhos, chegou a Lisboa o Ir. Manuel Ramos Lobato, missionário em S. Vicente, Cabo Verde.

Paulo Tito Falcão

No dia 10, chegou, acompanhado de sua Esposa, o Ir. Paulo Tito Falcão, que tem sido missionário no Cuale, Angola, e passa a encarregar-se do Grupo de Santarém.

Gregório da Silva Rosa

No dia 14, chegou, com sua Esposa, o Ir. Gregório da Silva Rosa, missionário no Fogo, Cabo Verde.

Visitantes de Espanha

A 18, chegou uma excursão de membros adventistas da Igreja de Bilbao, da qual faziam parte os Irs. José Osório e Teresa Rose, respectivamente pastor e obreira bíblica daquela igreja. Tendo ficado acampados no Parque de Monsanto, connosco passaram uns 14 dias. O Pastor José Osório fez na Igreja Central a pregação no culto de Sábado, 29. Nesse mesmo dia à noite, realizou-se um interessante sermão no salão dos M.V., tendo tomado parte no programa jovens de Bilbao e Lisboa.

Programas de Rádio

A fim de tratarem de assuntos relacionados com a transmissão da Mensagem Adventista através da Rádio Trans-Europa, cujos emissores se encontram em Sines, chegaram a Lisboa, em 20 de Agosto, os Irs. J. J. Aitken, secretário do Departamento da Rádio da Conferência Geral, que vinha acompanhado de sua filha Judith; Dr. Jean Zurcher, secretário da Divisão Trans-Mediterrânica; Erich Amelung e Erwin Kilian, respectivamente tesoureiro e secretário do Departamento da Rádio da Divisão Central-Europeia. O Pastor Aitken fez a pregação de Sábado, 22, na Igreja Central de Lisboa.

Esmeralda Ferreira

Em 1 de Setembro partiu para a Inglaterra, a fim de frequentar o corrente ano lectivo no Newbold College, a Ir. Esmeralda Ferreira, obreira bíblica da Igreja Central de Lisboa.

Gerson Gorski Damaceno

Em 13 de Setembro, chegou a Lisboa, onde vem passar algum tempo como bolsheiro da Fundação Gulbenkian, o Ir. Gerson Gorski Damaceno, do Brasil. O seu campo de estudo é a Música.

Jerónimo Falcão

No dia 14, chegou a Lisboa, vindo de Angola, o Ir. Jerónimo Falcão, que vai ocupar-se da igreja da Comenda.

David Riemens

De 18 a 21 de Setembro esteve em Lisboa, onde tomou o sermão de Sábado, 19 de Setembro, na Igreja Central, o Pastor David Riemens, presidente da Missão Adventista de Israel.

ESPINHO

Nossas primeiras impressões no contacto com a Igreja de Espinho e Oliveira de Azemeis, são de molde a nos incutir ânimo para o trabalho do Senhor; Igreja numerosa de Jovens, tendo uma direcção forte e activa, não nos deixa dúvidas, de uma promissora colheita de almas.

Assistimos já a dois acampamentos de Fim de Semana, que nos deixaram maravilhados quer pela ordem e disciplina que neles reina, quer pela alta espiritualidade que se desenvolve ali, quer pelo carinho com que todos são tratados e recebidos; quer ainda pela camaradagem que se observa não só entre os Jovens, mas mesmo entre todos aqueles que tem a felicidade de ali passar aquele fim de semana. No primeiro tivemos o prazer de ter con-

nosco os irmãos de Aveiro. No segundo acamaradamos com os membros da Igreja do Porto. Ao partir todos levavam saudades a julgar por uma jovem do Porto que se fartou de chorar ao se despedir.

Parabéns pois à dinâmica direcção de Jovens de Espinho, e ainda aos irmãos e jovens que contribuíram para tão bom recreio.

Um muito obrigado à irmã Ana Maria pelo imenso trabalho e tanto carinho que devotou ao acampamento e jovens.

Quero acrescentar que no primeiro acampamento estiveram também connosco os jovens da igreja de Oliveira de Azemeis.

O trabalho missionário está a correr da melhor forma. Estamos com uma classe baptismal na qual tomam parte um bom número de candidatas. Esperamos, pois, em breve, realizar uma festa na qual tomem parte várias pessoas que pelo baptismo se entregarão ao Senhor. Louvado seja Deus que nos deu a oportunidade de trabalhar com os irmãos de Espinho e Oliveira de Azemeis.

Informámos ainda que em breve se inaugurará uma sala que está sendo preparada com muito zelo carinho e dedicação, pelos três irmãos que são os pioneiros do trabalho em Oliveira de Azemeis.

Um agradecimento à União que tem dado o melhor do seu esforço ajudando a erguer com a sua contribuição financeira, esta igreja.

Muito gratos para com o nosso Pai Celeste que, sempre nos tem ouvido nas orações.

Prezados leitores da Revista, agradecemos as vossas orações.

O irmão em Jesus.

Adelino N. Diogo

AVEIRO

O dicionário de língua portuguesa da autoria de Francisco Torrinha define *farol* nos seguintes termos: espécie de torre encimada por um candeeiro volante para dar sinais e luz aos navegantes; cousa que alumia; guia; norte.

Gostaria hoje de vos falar sobre o farol de Aveiro. Situado a cerca de dez quilómetros do centro da cidade ergue-se à beira-mar dominando com a sua imponência todo o casario ao redor. Junto à torre do farol encontram-se as casas onde residem os homens encarregados da boa marcha desse gigante. Se o prezado leitor e irmão na Fé ali chegar, poderá bater à porta como se estivesse batendo à porta de sua casa. Momentos depois, o superintendente do farol — nosso estimado irmão em Cristo — virá junto de si, com um franco sorriso, tão característico do povo cristão adventista.

Poderá tomar o elevador e subir até ao cimo da torre. Poderá observar o



O farol de Aveiro

enorme candeeiro volante que é a fonte de luz do farol. Poderá ouvir algumas sábias explicações sobre as características, manutenção e funcionamento do farol. Talvez lhe calhe ouvir algumas valiosas experiências em que interveio o farol de Aveiro. Ficará compreendendo, ainda melhor, como e porquê o farol “emite sinais e dá luz aos navegantes” e, como e porquê, o farol é “cousa que alumia, guia e norte” no dizer do Dr. Torrinha.

Aqueles que andam navegando pelos caminhos do mar sem fim sentem-se encorajados pela presença dos faróis que, nas orlas marítimas, lhes vão emitindo sinais e luz, guiando e dando norte.

Transpondo estas considerações para o plano espiritual o paralelo é evidente.

Na nossa qualidade de cristãos adventistas somos chamados a ser faróis; a sermos criaturas iluminantes, a darmos o norte e a guiarmos tantas almas que navegam no mar da vida correndo o perigo de encalhar nas rochas das paixões nos baixios das tentações e nos penhascos das dificuldades. Nós somos chamados a dar luz ao redor guiando as almas a Cristo e mostrando-lhes ao norte o amorável Lar Eterno.

Alegro-me pela excelsa posição do nosso Ir. Joaquim Rosa do farol de Aveiro. Ele coopera em dar luz aos navegantes do Atlântico e colabora em dar a luz do Evangelho aos navegantes da Vida. Ele encarrega-se para que os sinais do farol cheguem aos navegantes e também se esforça para emitir sinais aos navegantes da Vida.

Nosso Irmão é um membro recente da congregação aveirense. Ele, sua Esposa e Mãe desceram às águas baptismas na Igreja do Porto no decurso duma maravilhosa cerimónia que ali se

realizou no Sábado 23 de Março de 1969. Agora os nossos irmãos sentem-se alegres por fazerem parte do povo mundial que também no nosso país “guarda os mandamentos de Deus e tem a fé de Jesus”.

O Irmão Rosa aprecia bastante a possibilidade de falar do Evangelho à sua família, amigos e conhecidos. Gostaria de contar-vos como ele “deu luz” e “emitiu sinais” para um seu amigo de longa data.

O Sr. G. amigo de nosso irmão era um fumador inveterado desde há muitos anos. Ultimamente ele estava fumando tanto que gastava mais de trezentos escudos mensais em tabaco. Então, nosso ir. Rosa duplamente “fareleiro” emitiu sinais de perigo e começou a “luminar” este navegante da Vida. Convidou seu amigo a vir à Igreja. Ele aceitou. Começou a frequentar as reuniões. Seu lar abriu-se para receber estudos bíblicos. Todas as sextas-feiras à noite com a numerosa família do Sr. J. G., juntamo-nos para considerar as bênçãos de Deus, meditar e fazer oração. Também desejava registar com alegria que o Sr. J. G. abandonou o uso do tabaco. Ele está sentindo-se mais forte. Tem melhor aspecto. Sua família está satisfeita com esta vitória no seu lar.

Que alegria a do nosso ir. Rosa por ter sido um valeroso farol dando luz àquele amigo! E nós? Qual está sendo também faróis de preciosa luz? Estamos indicando o “norte” ao povo?

Prestes a findar, gostaria de fazer um apelo para mim mesmo e para todos os leitores. Possamos nós tornar-nos “faróis”, “criaturas iluminantes” e “guias” no oceano da Vida. Que Deus nos ajude neste propósito. Possa o Senhor servir-se de nós para que muitas almas possam encontrar Jesus — o Divino Norte — e que por sua vez elas se possam tornar também faróis para iluminarem outros no caminho da Salvação.

José M. Matos

TOMAR

Baptismos

...“Portanto ide, ensinai todas as nações, baptizando-as em nome do Pai, e do Filho e do Espírito Santo”. (S. Mat. 28:19).

...“E todos os dias acrescentava o Senhor à Igreja aqueles que se haviam de salvar.” (Actos 2:47).

Com efeito, embora por toda a parte nesta altura do ano, só se oiça falar de férias, excursões, passeios, acampamentos, etc., a Igreja de Tomar, graças a Deus, ainda não cessou o seu labor e foi assim que, no passado dia 8 de Agosto, o Senhor nos concedeu mais uma vitória sobre Satanás, arrancando-lhe 10 preciosas almas, que selaram as suas promessas de nova vida em Jesus, através do baptismo!

Foi, na verdade, uma bela e tocante cerimónia... A sala foi pequena para conter tantas pessoas que, de longe e

de perto, se deslocaram para assistir ao Testemunho Público daquelas queridas almas.

Todos ficamos felizes quando são adultos que se decidem seguir a Jesus, mas quando são jovens que depõem as suas vidas em flor aos pés do Amantíssimo Salvador, que hossanas entoam os nossos corações! Foi precisamente o que aconteceu: seis jovens, 3 rapazes e 3 meninas, com idades compreendidas entre os treze e os trinta anos, felizes por poderem, de ora avante, fazer parte activa da Igreja de Deus na Terra.

Também os outros irmãos mais velhos estavam radiantes e dispostos a ajudarem desde agora a levar o Estandarte da Verdade por toda a parte.

Um dos dez candidatos não pôde descer às águas baptismas, tendo sido recebido por voto, embora estivesse presente.

Ao apelo feito pelo Irmão Pastor Armando Pires, um bom número de visitas respondeu e, além dessas, outras almas já se estão preparando para, num futuro próximo, poderem seguir o Divino Mestre.

Queremos agradecer ao prezado Irmão Pastor Armando Pires, das Missões de Moçambique, que se encontra no nosso meio a gozar merecidas férias, a preciosa e amável colaboração prestada nos trabalhos da Cerimónia Baptismal. Estendemos também os nossos sinceros agradecimentos ao Anfitrião da Igreja, Irmão Jaime de Freitas, aos diáconos e diaconizas que, embora cumprindo os deveres dos seus cargos, não se pouparam a esforços para que tudo decorresse numa ordem perfeita para maior honra e glória de Deus.

Aveiro — O Sr. Rosa e o seu amigo a quem transmitiu a Mensagem



Falecimentos

No passado dia 7 de Junho, precisamente quando completava 76 anos de idade, adormeceu no Senhor a que foi nossa Irmã na Fé, Virgínia Maria Lopes (Carvalheira), mãe da prezada Irmã Emília Maria Lopes (Carvalheira). Tinha 33 anos de Fé Adventista.

No dia 14 de Julho p.º p.º também adormeceu no Senhor a que foi nossa Irmã na Fé, Alice Mendes, que contava 67 anos de idade e 45 de Adventista. Era mãe dos nossos prezados Irmãos Pastor Fernando Mendes e Lídia Mendes Nery.

As famílias enlutadas, a Igreja de Tomar apresenta sentidas condolências e que o Senhor as conforte com a bendita esperança de as rever na manhã gloriosa da ressurreição. "... Bem-aventurados os mortos que desde agora morrem no Senhor. Sim, diz o Espírito, para que descansam dos seus trabalhos e as suas obras os sigam". (Apoc. 14:13).

Vosso no Mestre

Jorge Afonso Baião e Constantino

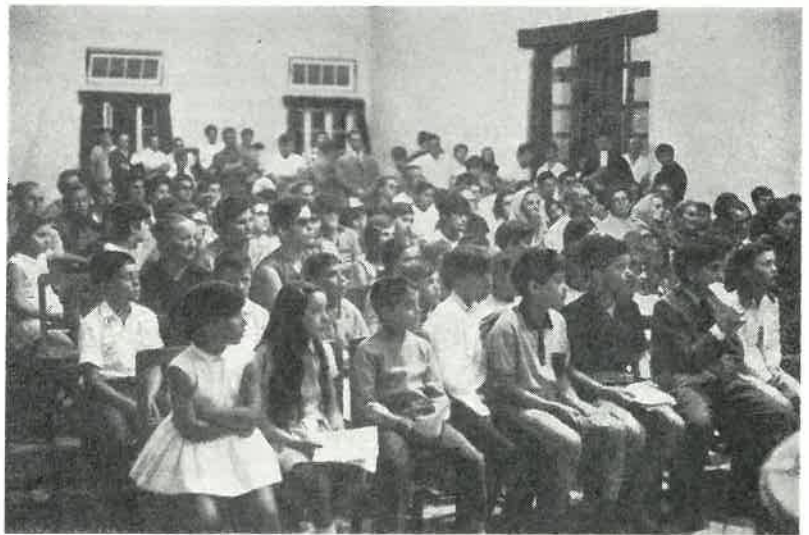
SALVATERRA DE MAGOS EM FOCO

Sob o signo do Evangelismo total, a Igreja Central de Lisboa, está, através dos esforços conjugados do ministro e dos leigos, realizando um trabalho sob todos os títulos animador, na simpática e acolhedora vila de Salvaterra de Magos.

Quando distrital em Lisboa, o Pastor Sandoval Melim lançou naquela vila uma campanha de "A Bíblia Responde" que por sua vez foi continuada com muito êxito pelos valorosos jovens e irmãos leigos daquele pequeno grupo.

Mais de 35 pessoas fizeram o curso completo e foi com subida satisfação e grande alegria que no Sábado, dia 18 de Julho, nos reunimos pelas 21 h. no Clube Desportivo daquela vila, para a entrega dos certificados.

Salvaterra — Entrega de certificados pelos Pastores Rodriguez e Martinez



Salvaterra — Aspecto geral da assistência

Estiveram presentes os Pastores Eugénio Rodriguez, do Departamento das Actividades Leigas da União, e David Vasco, a quem devemos a gentileza da reportagem fotográfica. Um valoroso grupo de jovens e irmãos de Lisboa, emprestaram ao ambiente um colorido muito agradável e acentuadamente festivo, com os seus cânticos e os seus recitativos.

Porém, o programa atingiu a sua mais completa e elevada significação, quando 65 pessoas responderam ao apelo, manifestando desta forma, o seu desejo de fazer o curso de "A Bíblia Responde", o que por si só representa um resultado bastante expressivo e compensador, considerando as condições desfavoráveis como o trabalho se processa naquela vila.

De 13 a 17 de Julho teve lugar nesta mesma localidade, uma animada Escola Cristã de Férias, onde aproximadamente 30 crianças tomaram parte nas mais variadas como agradáveis actividades do curso.

Tendo o fim desta escola coincidido intencionalmente com a já referida reunião festiva no Clube Desportivo, foi com muita alegria e manifesta felicidade que os nossos meninos apresentaram ao simpático público de Salvaterra, os múltiplos e variadíssimos trabalhos manuais por eles realizados durante essa inolvidável semana, além de um singelo programa de encerramento, do que aliás trazemos aos estimados leitores, alguns apontamentos fotográficos.

Apraz-nos revelar aos atentos leitores destas notícias, que as perspectivas do trabalho evangelístico naquela localidade do nosso Ribatejo, são muito boas e animadoras.

Em breve daremos mais notícias dos nossos irmãos e amigos salvaterrianos que agradecem penhoradamente vossas orações.

OLIVAIS NORTE

Neste próspero bairro da capital, teve lugar na residência do nosso dedicado irmão José dos Anjos, uma animadíssima Escola Cristã de Férias onde umas 30 crianças participaram nas actividades do curso, tendo-lhes sido muito proveitosas.

Dirigiu este curso a obreira bíblica da Igreja Central de Lisboa, Esmeralda Ferreira.

Vosso dedicado
V. Martinez

AGUARDANDO A RESSURREIÇÃO

Após prolongada enfermidade, no dia 27 de Junho faleceu em Lisboa, com a idade de 76 anos, o Ir. Manuel Garcia de Jesus. Tendo começado a colpor-tar em 1914, estava aposentado desde 1945.

Sobrevive-lhe sua Esposa, Ir. Lídia, membro da igreja de Portalegre, para quem vão as nossas condolências.



Salvaterra — Escola Cristã de Férias

O MEU TESTEMUNHO

(Continuação da página 13)

Finalmente, depois de reiterados esforços, e com a ajuda de Deus, obtive a possibilidade de ir à igreja. Tinha porém de ser acompanhada por uma vizinha, pessoa indiferente às coisas de Deus, analfabeta, e entregue às coisas baixas do mundo. Eu sofria em sua companhia, mas era a única forma de poder ir à igreja. Assim foi durante algum tempo. Entretanto essa vizinha foi viver para outro local, e durante onze meses não mais pude entrar na Casa de Deus. Até que um dia surgiu mais uma vez esse privilégio, através da irmã Maria Augusta Pires. Intimamente tinha o desejo de servir a Deus, embora consciente da oposição de que era alvo. Tive o desejo de entrar na colportagem, que sabia ser obra de Deus, mas fui informada de que era indispensável ser batizada.

O baptismo era um sonho que acalentava no meu íntimo, mas só Deus o poderia tornar realizável. O milagre operou-se e no dia 9 de Julho descí às águas baptismas a fim de dar o testemunho público do facto de há muito O ter no coração.

Esse acto solene prescrito e exemplificado por Cristo, testificado nas Escrituras, vinha agora, por graça do Céu, sagrar a minha entrega a Jesus na presença do Seu povo. A Ele foi manifestado o testemunho vivo do Pai e a nós era manifestado o testamento do Filho em nosso coração.

Mas se eu ali estava, por vontade de Deus, era porque Ele me davam algo para realizar, era por-

que me dava parte na Sua obra. Que deslumbramento, que felicidade a minha! As minhas lágrimas traduziam a exaltação da minha alma, o gozo, a gratidão por tão grande bênção.

Era tão clara, tão evidente, a intervenção de Deus na minha vida, tão sábia e perfeitamente conduzida essa intervenção, que eu mil vidas que tivesse as daria de bom grado ao Senhor.

Esse dia sem igual tem sido seguido de horas amargas, de provas difíceis. Mas nós compreendemos que é esse o preço na nossa aceitação por Jesus, e sabemos que Ele está connosco, que nunca nos abandona, que faz tudo o que nós não podemos fazer.

Somos testemunhas da graça de Deus em nossa vida. Desde o dia do baptismo — o maior de todos os dias — temos visto que o poder de Jesus se opera em nossa mente, guiando, iluminando, fazendo crescer cada vez mais em nosso coração o desejo de levar outros a sentir o mesmo gozo, a viver a mesma felicidade, a contemplar a figura amiga do nosso Salvador, lá no fim da jornada, de braços abertos, num abraço que abarca o mundo e nos chama, com Seu olhar penetrante, a habitar em Sua presença, na Pátria Celeste.

Oh, sim, venham todos morar em Seu regaço, escutar as Suas palavras, provar o sabor das coisas divinas e tomar o único e seguro caminho da salvação.

Vamos sem demora sair-lhe ao encontro, em resposta ao Seu apelo doce e poderoso: «Vinde, Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida».

Possamos nós todos dizer, em uníssono: «Eis-nos aqui, Senhor, envia-nos a nós»!

Mariana Palma

Olivais Norte — Escola Cristã de Férias em curso na casa do Irmão José dos Anjos



A Fidedignidade do Relato da Criação

(Continuação da página 5)

mandamento. Problema humano algum pode surpreender ou confundir o Senhor da Criação. Problema algum pode esmagar qualquer homem que coloca a sua vida nas mãos do seu Criador; porque este mesmo Senhor-Criador que uma vez “falou e tudo se fez”, “mandou e logo apareceu” (Salmos 33:9), está hoje pronto a falar e a mandar em nosso favor.

2. cremos que o Senhor colocou propósito e desígnio na Sua Criação. A vida não é o resultado do acaso ou da sorte. Quando todas as coisas materiais foram feitas “Deus viu tudo quanto tinha feito, e eis que era muito bom” (Gén. 1:31). O maravilhoso mecanismo do corpo humano, tal como o dos outros organismos vivos, a tremenda previsão no balanço ecológico da natureza, as indizíveis possibilidades abertas ao homem criado para reflectir a glória de Deus — tudo isto é conhecido pelo homem de hoje, mas quão pouco conhecemos ainda! Deus colocou um propósito na própria vida deste universo. Que homem algum sinta hoje que não tem importância, que a vida pode ser desperdiçada, que o futuro não é mais do que a mesma existência monótona e sem significado que o seu passado lhe pode ter parecido. Saiba esse homem que vive dentro dos braços de um Senhor-Criador, que não está frustrado pelo tempo ou pelo espaço e que está disposto a ir até ao limite para salvar uma única ovelha perdida!

3. cremos que o tempo é linear e não circular. cremos que a vida se move em direcção a um objectivo, que a história não é simplesmente a revista dos acontecimentos. Quando Deus criou a matéria e fez seres do pó da terra, Ele criou-nos com um fim eterno em vista. A Criação era o acto de um Deus que queria partilhar com outros aquilo que possuía. Este conceito, firmado na doutrina da Criação, é o fundamento da doutrina da segunda vinda de Jesus a esta terra. A história move-se para este clímax; os acontecimentos relacionados com ele, da crucificação de Jesus à recriação desta terra, não se podem repetir. Não precisam ser repetidos, porque terão seguido o seu curso normal.

4. Porque a Criação era a vontade de um Deus amorável e santo, o que foi criado era bom, era para benefício do homem. Contrariamente a uma forte corrente filosófica de pensamento, a matéria, incluindo a natureza física do homem, é boa, digna de ser apreciada e preservada nas melhores condições possíveis. Os homens são mordomos da obra das mãos do Criador. Nesta obra podemos nós descortinar ainda hoje o amor de Nosso Senhor.

5. Porque acreditamos que Deus pode falar e a Criação ser mudada segundo a Sua vontade, que toda a vida tem propósito e significado, que a matéria é boa para ser usada em benefício do homem e que Deus ainda está presente na Sua Criação, assistindo-a à medida que ela avança para o seu objectivo final, cremos que homem algum necessita andar hoje sôzinho. Somos filhos de um Pai amante, que criou o homem, conhecendo desde sempre o que aconteceria à Sua Criação. Conhecia-nos antes de nascermos e sabe o que pode ainda fazer de nós. Ele é o Criador, sabeis? Pode falar e modificar a vida, sabeis? Pode trazer esperança e significado à vossa vida cansada, sabeis?

A fidedignidade da doutrina da Criação repousa sobre o grau de certeza que alguém tem de que Jesus de Nazaré é o Senhor da sua vida. Mas conhecer a Jesus como Senhor reduz todos os problemas à forma mais simples. Conhecê-Lo como Senhor é a chave para a paz, e a esperança, e a certeza num mundo onde nada de certo se pode conhecer se não houver a certeza na doutrina da Criação.

“Onde quer que se estabeleça uma igreja, todos os membros devem empenhar-se activamente em trabalho missionário. Devem visitar todas as famílias da vizinhança e conhecer suas condições espirituais.”

Testemunhos para a Igreja, vol. 6, pág. 296.

Barrinha de Esmoriz — Grupo de Juvenis



Entrevista

com um Centenário Adventista

(Continuação da página 8)

tante, pedia ao Senhor que a dispensasse de transmitir as Suas mensagens; mas perante o mandato divino, submetia-se humildemente, não sem ter orado e refletido muito. Tendo constantemente em vista o arrependimento e a salvação dos seus semelhantes, nunca deixava de exortar os culpados, por meio das promessas divinas.

P. *O irmão não desempenhou uma missão determinada na classificação e na compilação dos escritos do Espírito de Profecia?*

R. É verdade. Como sabe, a irmã White passou os seus últimos quinze anos (1900-1915) na sua propriedade de Elmshaven, a três quilómetros daqui. Nesta pacífica região, teve ela cerca de 400 visões e sonhos. Foi ali que escreveu as suas nove últimas obras: "Testemunhos para a Igreja" (1902, vol 7; 1904, vol. 8; 1909, vol. 9), "Educação" (1903), "A Ciência do Bom Viver" (1905), "Actos dos Apóstolos" (1911), "Conselhos aos Pais e Professores" (1913), "Obreiros Evangélicos" (1915), "Profetas e Reis", que é uma obra póstuma.

Depois da morte da irmã White, em 1915, fui chamado a Elmshaven como assistente de William White, seu filho. Desde a morte de seu pai, Tiago, em 1881, ele acompanhava a sua mãe em todas as viagens. William White desempenhou um papel importante na publicação das obras da mãe. Após a morte desta, ele foi encarregado, pelo Conselho da Conferência Geral, de continuar a classificar os seus manuscritos e de cuidar, juntamente com outros irmãos de confiança, dos escritos do Espírito de Profecia.

Um grande número de manuscritos da irmã White passou-me assim para as mãos. Pediram-me igualmente que compilasse certos "testemunhos" e artigos que ela tinha escrito no "Youth's Instructor" dirigidos à juventude. Foi assim que teve origem o livro "Mensagens aos Jovens".

P. *Não era o irmão especializado na redacção de escritos destinados às crianças e jovens?*

R. Assim é. Em 1924, até ao momento da minha reforma, em 1949, ocupei-me na "Pacific Press" do "Our Little Friend" (conhecido nos países de língua portuguesa com o nome de "Nosso Amiguinho" e que é também publicado noutras línguas) cuja tiragem é de cerca de 60 000 por semana.

P. *Deseja fazer alguma declaração aos leitores da nossa revista?*

R. Devemos estar reconhecidos para com o Senhor, por nos ter dado a certeza de que o Espírito Profético presidiu ao estabelecimento da Obra Adventista no mundo inteiro. É a mesma direcção profética — o grande dom de Deus à Sua igreja — que preservará o nosso Movimento através das tribulações do tempo presente, e o conduzirá ao triunfo glorioso prometido pela palavra de Deus.

AGENDA ADVENTISTA

Dezembro de 1970

CALENDÁRIO DA IGREJA

Dias

- 5 — Dia das Actividades Leigas
- 5 — Oferta para as Actividades Leigas da Igreja
- 12 — Dia de Promoção da Bíblia
- 19 — Oferta do 13.º Sábado (Divisão Inter-Americana)

TABELA DO PÔR-DO-SOL

Dias	Lisboa	Funchal	P. Delgada
4	18.15	17.02	17.27
11	18.15	17.03	17.27
18	18.16	17.04	17.29
25	18.20	17.08	17.33

DEVOÇÃO MATINAL

Dia	1 — Tito 3:8	— Limites da Liberdade
»	2 — Tito 3:14	— Paulo Insiste nas Boas Obras
»	3 — Filemon 10, 11	— O Evangelho Traz Responsabilidade
»	4 — Heb. 1:3	— O Cristo Vivo
»	5 — Heb. 2:1	— Ventos Contrários
»	6 — Heb. 2:3, 4	— Evidência Avassalante
»	7 — Heb. 2:16-18	— Jesus Identifica-se com o Homem
»	8 — Heb. 3:12	— Fontes de Dúvida
»	9 — Heb. 4:3, pp.	— Confiança Cristã
»	10 — Heb. 4:12, 13	— Escondendo-se de Deus
»	11 — Heb. 7:25	— O Cristo Acessível
»	12 — Heb. 11:6	— Tenhamos Fé em Deus
»	13 — Heb. 12:1	— Nosso Débito aos Santos
»	14 — Heb. 13:5	— Solidão
»	15 — Tiago 2:17	— Legalistas
»	16 — Tiago 3:17 pp.	— Pureza
»	17 — Heb. 8:1, 2	— Que Faz Jesus Agora?
»	18 — 1 Ped. 2:23	— Mais do que Homem
»	19 — 1 João 2:1	— Nosso Advogado
»	20 — 1 João 5:4	— "Que Fazem as Pessoas quando não têm Fé?"
»	21 — Apoc. 2:4	— Amor que Arrefece
»	22 — Apoc. 2:10	— Fiel até à Morte
»	23 — Apoc. 2:12, 13	— "Sei onde Vives"
»	24 — Apoc. 2:19	— Falsa Intolerância
»	25 — Lucas 2:10, 11	— Cinco minutos para...
»	26 — Apoc. 3:1, ú. p.	— Cristãos Nominais
»	27 — Apoc. 3:8	— Portas Abertas
»	28 — Apoc. 4:18	— Urgência
»	29 — Apoc. 14:6, 7	— Adorai-O
»	30 — Apoc. 22:20	— Estamos Preparados?
»	31 — Heb. 13:20, 21	— Adeus!

ANO BÍBLICO

Gálatas 4 a Apocalipse 22

O TRABALHO E OS JOGOS

por E. G. White

Educai homens e mulheres a criarem seus filhos livres de práticas falsas, segundo a moda, ensinando-os a serem úteis. As filhas devem ser educadas pelas mães a fazer trabalho útil, não apenas dentro de casa mas também ao ar livre. As mães poderiam também educar os filhos, até certa idade, a fazer coisas úteis, dentro de casa e fora.

Há bastantes coisas úteis e necessárias por fazer em nosso mundo, as quais tornariam quase inteiramente desnecessária a prática das diversões. O cérebro, os ossos e músculos adquirirão solidez e força pelo uso com um propósito, concentrando-se em bons pensamentos, e delineando planos que hão-de educar os jovens no sentido de desenvolver as faculdades do intelecto e fortalecer os órgãos físicos, o que implicará em pôr em uso prático os talentos que Deus lhes deu e com os quais poderão glorificá-l'Os.

Não condeno o simples exercício de jogar a bola; mas este mesmo, em sua simplicidade, pode ser exagerado. Estremeço sempre diante do resultado quase certo que segue na esteira dessas diversões. Leva a um dispêndio de meios que deveriam ser dedicados a levar a luz da verdade às almas que perecem longe de Cristo. As diversões e dispêndio de meios para satisfação própria que, passo a passo, levam à glorificação do próprio eu, e a educação nesses jogos com o fim de desfrutar prazer, produz por essas coisas um amor e paixão que não são favoráveis ao aperfeiçoamento do carácter cristão.

O mesmo poder de exercitar a mente e os músculos poderia imaginar maneiras e meios de uma espécie de prática muito mais elevada, fazendo trabalho missionário que os tornaria cooperadores de Deus, e educaria para mais elevada utilidade na vida presente, mediante trabalho útil, que é um aspecto muito necessário na educação.

Há muitas maneiras de os jovens poderem pôr a juro os talentos que Deus lhes confiou, para promover a obra e causa de Deus, não para se agradarem a si mesmos, mas para glorificar a Deus. A Majestade do Céu, o Rei da Glória, fez o infinito sacrifício de vir ao nosso Mundo para que pudesse elevar e enobrecer a humanidade. Foi Ele um obreiro perseverante, diligente. Lemos que Ele «andou fazendo bem». Actos 10:38.

Não é esta a obra que todo o jovem deve procurar fazer: trabalhar segundo Cristo? Tendes o auxílio de Cristo. As ideias dos estudantes se ampliarão. Serão de vasto alcance, e os poderes da utilidade, mesmo em vossa vida estudantil, hão-de crescer continuamente. Os braços, as mãos, dados por Deus, devem ser usados em fazer o bem que traga a aprovação do Céu, de modo que possais ouvir afinal as palavras: «Bem está, servo bom e fiel.» Mat. 25:21.

Forme-se um grupo, mais ou menos segundo o plano da ordem do Esforço Cristão, e vede o que pode ser feito por todo o instrumento humano de res-

ponsabilidade, em matéria de observar e aproveitar as oportunidades de trabalhar pelo Mestre. Tem Ele uma vinha na qual todos podem efectuar boa obra. A humanidade sofredora precisa de auxílio por toda a parte. Os estudantes podem alcançar entrada ao coração dirigindo palavras oportunas, prestando favores aos que precisam mesmo de trabalho físico. Isto não será desdouro para nenhum de vós, e trará a consciência da aprovação de Deus. Será isso o mesmo que entregar aos banqueiros os talentos que vos foram confiados para os usardes sãbiamente. O negociar com eles aumentá-los-á.

Existem métodos de exercícios saudáveis que podem ser planeados, e que serão benéficos tanto à alma como ao corpo. Há uma grande obra para ser feita, e é necessário que todo o instrumento responsável se eduque no fazer essa obra de modo aceitável a Deus. Muito há que aprender, da parte de todos, e não se pode inventar melhor emprego do cérebro, ossos e músculos do que aceitar a sabedoria de Deus em fazer o bem, e adoptar algum plano humano para remediar os males existentes, desta época extravagante e perversa.

É nosso dever procurar sempre fazer o bem no uso dos músculos e do cérebro que Deus confiou aos jovens, a fim de que sejam úteis aos outros, tornando seus labores mais leves, procurar consolar os tristes, erguer os desanimados, dirigir palavras de conforto aos desesperançados, volvendo o espírito dos estudantes dos divertimentos e doidices que muitas vezes os levam para além da atitude digna da varonilidade e feminilidade, para a vergonha e desgraça. O Senhor deseja que nosso espírito seja elevado, buscando mais altos e mais nobres condutos de utilidade.

É a intenção, sinceramente, buscar a glória de Deus nesses jogos? Bem sei que tal não se dá. Perdem-se de vista os caminhos e propósitos de Deus. O uso que fazem do tempo seres inteligentes, no tempo da graça, invalida a revelada vontade de Deus, substituindo-a pelas especulações e invenções do instrumento humano, com Satanás ao seu lado para imbuí-lo do seu espírito. Mantende bem junto de vós a Palavra de Deus. Por ela guiados sereis sábios, sereis constantes, inamovíveis, sempre abundando na obra do Senhor. Temos de, nestes últimos dias, vigiar em oração. O Senhor Deus do Céu protesta contra a ardente paixão cultivada para conseguir a supremacia, nos jogos que são tão absorventes.

Agora, mais do que em qualquer outro período de tempo, estou temerosa de que cristãos, como indivíduos, se separem de Deus por perder de vista o Modelo, Jesus Cristo, e pensem ser seguro andar entre as faíscas que acenderam (Isa. 50:11), enganando a alma com pensar que seja o caminho do Senhor.

Mensagens Escolhidas, Livro II, págs. 321-324.